

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Alexandra Santos Nunes

ESPIRITUALIDADE E FORMAÇÃO DO PEDAGOGO:
A CHEGADA COMO PONTO DE PARTIDA

Santa Cruz do Sul
2012

Alexandra Santos Nunes

**ESPIRITUALIDADE E FORMAÇÃO DO PEDAGOGO:
A CHEGADA COMO PONTO DE PARTIDA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Linha de Pesquisa em Aprendizagem, Tecnologias e Linguagens na Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Luisa Teixeira de Menezes

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Carmen Maria Andrade

Santa Cruz do Sul

2012

Alexandra Santos Nunes

**ESPIRITUALIDADE E FORMAÇÃO DO PEDAGOGO:
A CHEGADA COMO PONTO DE PARTIDA**

Esta dissertação foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Linha de Pesquisa em Aprendizagem, Tecnologias e Linguagens na Educação, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Dr.^a Ana Luisa Teixeira de Menezes
Professora Orientadora

Dr.^a Carmen Maria Andrade
Professora Coorientadora

Dr. Felipe Gustsack.
Professor examinador - UNISC

Dr.^a Dóris Bolzan.
Professora examinadora - UFSM

Santa Cruz do Sul

2012

*“Um sonho que se sonha só,
é só um sonho que se sonha só,
mas sonho que se sonha junto é realidade”.*

Raul Seixas

Realizo este sonho que foi sonhado junto e tornou-se realidade com o apoio de anjos que fazem parte da minha vida. Um destes anjos apoderou-se de suas asas e partiu para outra dimensão, os outros seguem nesta etapa da vida. Agradeço à Ele, a quem chamo de Deus: pela família que conduziu a minha infância e formação para que eu tivesse o desejo de estar aqui e a garra para superar os tantos desafios que fizeram parte desta jornada.

Muito obrigada:

Ao meu pai, José Ayrton Nunes, pois foi com sua morte que nasceu a inquietação motivadora desta singela, porém significativa pesquisa.

À minha mãe, Rosane dos Santos, a qual me acompanhou durante todo o Mestrado.

À professora Iria Balzan, madrinha de coração, que motivou e apoiou tamanha audácia.

Ao meu irmão, Anderson Santos Nunes, que mesmo de longe, esteve tão perto me dando forças para continuar.

Ao meu esposo, Alberto Toneto Dutra, pelo amor que me impulsionou a concluir esta etapa. A concluir esta etapa da vida!

Aos colegas da turma pelo carinho, apoio e acolhimento. Em especial à Patrícia Teixeira e Sandra Rocha.

À todos os professores do Mestrado em Educação, em especial à professora Dra. Suzana Albarnoz e ao Prof. Dr. Felipe Gustsack.

Às professora orientadora e coorientadora: Dr.^a Ana Luisa Teixeira de Menezes e Dra. Carmen Maria Andrade.

À secretária do Curso, Daiane Isotton, por estar sempre disposta a auxiliar no que foi preciso.

À todos aqueles que não citei mas que fizeram parte desta conquista.

Muito obrigada!

Espiritualidade é um estado de consciência; não é doutrina, não!

É o que se leva dentro do coração.

É o discernimento em ação!

É o amor em profusão.

É a luz nas ideias e equilíbrio na senda.

É o valor consciencial da alegria na jornada.

É a valorização da vida e de todos os aprendizados.

É mais do que só viver; é sentir a vida que pulsa em todas as coisas.

É respeitar a si mesmo, para respeitar o próximo e a natureza.

É ter a plena noção de que nada acaba na morte do corpo, pois a consciência segue além,
algures, na eternidade...

É saber disso – com certeza -, e não apenas crer nisso.

É viver isso – com clareza -, sem fraquejar na senda.

É ser um presente, para si mesmo, para os outros e para a própria vida.

Espiritualidade é brilho nos olhos e luz nas mãos.

E isso não depende dessa ou daquela doutrina; depende apenas do próprio despertar espiritual; depende do discernimento consciencial se unir aos sentimentos legais, no equilíbrio das próprias energias, nos atos da vida.

Ah, espiritualidade é qualidade perene; não se perde nem se ganha; apenas é!

É valor interno, que descerra o olhar para o infinito... para além dos sentidos convencionais.

É janela espiritual que se abre, dentro de si mesmo, para ver a luz que está em tudo!

Espiritualidade é essa maravilha: o encontro consigo mesmo, em paz.

Espiritualidade é ser feliz, mesmo que ninguém entenda por quê.

É quando você se alegra, só pelo fato de estar vivo!"

Wagner Borges (2007)

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho foi verificar se os cursos de formação de pedagogos da em uma instituição pública e em uma particular da cidade de Santa Maria abordam a temática da espiritualidade. O trabalho trata-se de uma pesquisa de campo exploratória, descritiva qualitativa, da qual participaram quatro professoras com formação em pedagogia. A pesquisa de campo foi realizada no ano de 2011, utilizando-se instrumento do tipo entrevista semiestruturada e o estudo das informações teve por base a análise de conteúdo. A partir dos resultados, foi possível identificar que as educadoras percebem a importância da espiritualidade tanto nos cursos de formação em pedagogia, como na sua prática docente. Evidenciou-se ainda que a espiritualidade não é um tema tratado com regularidade pelas universidades investigadas, de forma que existe uma lacuna entre o intelectual e o espiritual, que poderia, se sanada, produzir resultados eficientes no que se refere à formação dos profissionais da educação, podendo a espiritualidade ser um instrumento importante para uma prática mais humana e solidária, tanto para os profissionais, quando para os alunos. Considera-se que a presença da espiritualidade nos cursos de formação em pedagogia, de acordo com as participantes da pesquisa, é relevante.

Palavras-chave: Espiritualidade – Educação – Formação de Pedagogos

ABSTRACT

The main objective of this study was to investigate whether spirituality is considered in training courses for teachers in Universities of Santa Maria-RS, seeking to understand how education relates to spirituality in educational contexts, from the study of spirituality and education, based on theoretical frameworks that underlie the formation of the pedagogue, investigating whether spirituality. The study deals with an exploratory field research, qualitative descriptive, attended by four teachers with training in pedagogy. A survey was conducted in 2011, using a tool like semi structured interview four teachers with training in pedagogy, the study was based on the information content analysis. From the results it was found that the teachers perceive spirituality with significant both in training courses in pedagogy, as in their teaching practice. It is also evident that spirituality is not a subject covered regularly by the universities of SM, so that a gap exists between the intellectual and spiritual, which could be cured, effective results with regard to the holistic training of professionals education, spirituality may be an important training tool to practice a more humane and caring, both for professionals as for students. It is considered that, according to respondents, is quite revealing the presence of spirituality in training courses in pedagogy.

Keywords: Spirituality - Education - Training of Educators

SUMÁRIO

1	PONTO DE PARTIDA.....	07
	1.1 Do contexto aos porquês da pesquisa	09
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
	2.1 Espiritualidade	17
	2.2 Educação escolar	22
	2.3 Educação e espiritualidade.....	30
	2.4 Curso de licenciatura em pedagogia	34
3	BASES METODOLÓGICAS	39
	3.1 Pesquisa qualitativa	41
	3.2 Pesquisa descritiva	42
	3.3 Entrevista semiestruturada.....	42
	3.4 Participantes	44
	3.5 Análise de conteúdo	44
4	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	46
	4.1 Compreensão sobre espiritualidade	46
	4.2 Importância da espiritualidade para o professor	52
	4.3 O curso de formação e reflexão sobre espiritualidade	55
	4.4 Cursos de graduação em pedagogia e a espiritualidade	56
	4.5 A espiritualidade na prática pedagógica	58
5	PONTO DE CHEGADA.....	62
	REFERÊNCIAS.....	64
	APÊNDICE A - Roteiro da entrevista semiestruturada.....	72
	APÊNDICE B – Termo de consentimento livre esclarecido.....	73

1 PONTO DE PARTIDA

A dissertação que apresento surgiu a partir da inquietação pessoal e, conseqüentemente, profissional, ao perceber e dar a devida importância à pessoa enquanto ser humano em pleno desenvolvimento físico, social, emocional e espiritual. Tal concepção de ser humano se tornou uma forte afirmação a partir do momento em que senti a presença e a relevância do aspecto espiritual para suportar uma situação limite. Para que se entenda melhor, descrevo os motivos pessoais e os profissionais:

A relação entre meu pai e eu foi muito forte. Amor que sobrepôs todas as dificuldades que enfrentamos juntamente com minha mãe e irmão. Foi então que no dia 22 de setembro de 2006, em torno das 22 horas, fui surpreendida por um telefonema informando que meu pai, taxista, havia sofrido um acidente. Dirigi-me ao hospital em que ele estava. Percebi um número excessivo de taxistas no local, pois esta categoria é muito unida, então senti que algo mais grave poderia ter acontecido.

No hospital fui recebida por um colega de meu pai com a saudação de “pêsames”. Meu inconsciente não permitiu que eu entendesse o que o senhor quis me dizer ao dirigir estas palavras. Ingressei no corredor do hospital e passei a procurar pelo meu pai, quando um anjo - uma funcionária do hospital - colocou o braço sobre meus ombros, confirmou que eu era a filha do senhor José Ayrton Nunes Filho e me deu a notícia de que meu pai havia sofrido um assalto¹, levado um tiro no rosto e estava morto. As horas que seguiram pareciam uma eternidade e estão, em detalhes, gravadas em minha mente e me desestruturaram emocional e espiritualmente. A vida do meu pai foi interrompida estupidamente, mas a minha continuava.

Na época, eu era professora de uma turma de primeira série (alfabetização) e passados os nove dias de licença retornei ao trabalho. Junto com esta retomada, busquei apoio terapêutico e investi em muitas leituras. Foi então, que juntamente com meus alunos, passei a perceber a importância do aspecto espiritual na vida de uma pessoa. Meus alunos acompanharam e auxiliaram em parte do processo de meu reequilíbrio emocional e espiritual. Juntos passamos a perceber o valor da

¹ Os três meninos envolvidos no crime planejaram o assalto com o objetivo de conseguir dinheiro para ir a um bar da cidade chamado “Ponto de Partida” – informação contida no Processo Criminal.

natureza que nos rodeava, passamos a contar e ouvir histórias embaixo das árvores, a realizar técnicas de relaxamento e respiração, passamos a conversar sobre problemas que nos faziam sofrer, passamos a nos abraçar mais, passei a dar e receber colo, começamos a realizar momentos de oração que nos renovavam e passamos a sentir mais a vida.

No final do ano letivo, percebemos o quanto crescemos juntos. Todos os alunos concluíram a série sabendo ler, escrever e, o que considero ainda mais importante, a viver melhor.

A prática pedagógica diferenciada, que aconteceu em função de eu estar passando por um processo de reestruturação, me fez perceber que o aspecto espiritual deve ser considerado pelos professores. Tal percepção me levou a refletir sobre os cursos formais que realizei: Magistério, Pedagogia, Especialização em Psicopedagogia e Especialização em Gestão Educacional. Constatei que os aspectos físicos, sociais e emocionais se fizeram presentes, oportunizando que os acadêmicos concluíssem os cursos com conhecimentos básicos sobre cada um destes. Mas percebi a ausência da questão da espiritualidade na formação de pedagogos, e passei a cogitar acerca da importância dessa formação, uma vez que estes atuam com seres humanos dotados desta particularidade.

Pois bem, diante de tal constatação senti vontade de estudar sobre a relação entre espiritualidade e educação, porém considerava pouco provável trabalhar no meio acadêmico com este tema, uma vez que nossa cultura herdou a concepção de que academia é lugar de se estudar e fazer ciência e que esta não se relaciona com nada que não seja concretamente provado. Por este motivo, a inquietação ficou adormecida até o momento em que assisti a uma palestra proferida pela Prof.^a Dr.^a Leda Lísia Franciosi Portal², e que o conteúdo explanado por ela foi ao encontro ao do que eu sentia a respeito da constituição do ser humano e da importância do professor considerar o aspecto espiritual (tanto seu quanto dos alunos com os quais atua) no seu fazer pedagógico.

Foi então que tive conhecimento do fato que a espiritualidade já estava sendo estudada nos meios acadêmicos e me motivei a pesquisar sobre o assunto. Uma vez aprovada para o Curso de Mestrado em Educação oferecido pela UNISC, que cordialmente acolheu a mim e ao meu projeto de pesquisa, concretizo uma vontade:

² Palestra ministrada no Colégio Antonio Alves Ramos em 15.03.2008.

de continuar estudando; um sonho: de cursar o mestrado; um orgulho: de concluir esta pesquisa e uma saudade: do meu pai, uma vez que foi a partir sua morte que nasceu a pesquisa que deu origem a esta dissertação.

O questionamento inicial era saber se a espiritualidade deveria, ou não, ser considerada na prática pedagógica. Esta dúvida foi sanada com a leitura da tese defendida pela professora Adriana Loss Zorzan (2009) a qual afirma que a centralidade da educação nesse século deve situar-se no desenvolvimento interior (na dimensão da espiritualidade, como ampliação da consciência) dos sujeitos. Outra leitura que trouxe esclarecimentos e respostas a respeito do vínculo entre educação e espiritualidade foi o livro, resultado de uma pesquisa, Reencantamento humano, escrito pelo teólogo Jorge Trevisol (2003). Ambos tiveram como orientadora a professora Leda Lísia Franciosi Portal, que há tempos trabalha com esta temática.

Diante da certeza da relevância do aspecto espiritual no processo educativo, surgiu o presente estudo no qual procurei verificar se cursos formação de pedagogos abordam a temática da espiritualidade. Diante da resposta afirmativa a este primeiro questionamento, passei a investigar de que forma a espiritualidade vem sendo desenvolvida nesses cursos. Para o desenvolvimento da pesquisa foi realizada uma pesquisa em duas instituições de ensino superior, sendo uma instituição pública e uma particular.

1.1 Do contexto aos porquês da pesquisa

Diante da realidade em que vivemos na sociedade atual, na qual a cultura do capitalismo prevalece, fazendo com que o ter³ se sobreponha ao ser, também com a supervalorização do virtual, percebo que a educação, enquanto processo de influência na formação do ser humano, ao mesmo tempo em que é ineficaz em alguns contextos é, na mesma medida, uma alternativa que poderá possibilitar a mudança para um caminho melhor para a humanidade. Caminho no qual haja melhor compreensão do universo, mais tolerância e paz, diferente do que se vive atualmente.

³ Paulo Freire (2003, p. 46) explica que “para os opressores, o que vale é ter mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos. Ser, para eles, é ter e ter como classe que tem”.

Nesse sentido, convém rememorar Adorno (1996) que afirma vivermos em um período de semicultura, que é a decadência da formação cultural que perpassa gerações e apresenta vários sintomas sendo que o principal deles é a insuficiência do sistema de educação, que está adequado ao que caracteriza como semiformação.

Nesta direção, Adorno (1996, p. 01) esclarece que

[...] os sintomas de colapso da formação cultural que se fazem observar por toda parte, mesmo no estrato das pessoas cultas, não se esgotam com as insuficiências do sistema e dos métodos da educação, sob a crítica de sucessivas gerações.

A formação cultural, nesse contexto, encontra-se em situação precária, principalmente pela ideologia que é imposta à sociedade, e que conduz o ser humano a uma relação racional, materialista e tecnicista com o mundo. Como consequência, temos uma sociedade individualista, mercenária, que supervaloriza o ter e impõe às pessoas uma compreensão da autoestima e da autoimagem como algo relacionado apenas às suas posses materiais.

Neste panorama, o homem foi fragmentado, desconsiderado como um ser complexo e de natureza integrada, o que está levando a humanidade a uma crise com origem no conflito entre a razão científica (geradora de tecnologia e riquezas) e os valores humanistas. A supervalorização da ciência, da tecnologia e uma busca incessante por bens materiais, acabam por conduzir a humanidade a uma inversão de valores, que se caracteriza pelo investimento na indústria, que não considera relevantes os aspectos humanos imprescindíveis para uma vida digna para todos.

Essa massificação humana em prol do capitalismo impõe ao povo o que Adorno (1996) caracteriza como semiformação, com o objetivo de que sirvamos de marionetes do consumo e do lucro e, com isso passamos a viver em uma realidade na qual os valores humanos ficam à margem da realidade. A falta de tranquilidade, de paz, de solidariedade, de qualidade de vida, de relações intra e interpessoais saudáveis, além da saúde física, mental e espiritual, caracterizam o processo de desumanização imposto pela ideologia do sistema moderno mecanicista. No entanto, segundo o que descreve Adorno (apud MAAR, 2009, p. 30):

[...] desumanização não é um poder de fora, não é propaganda, não é exclusão da cultura. É justamente a iminência, no sistema, dos oprimidos

que alguma vez, pela miséria, caíram fora do mesmo, enquanto hoje sua miséria está em que não podem mais sair [...].

Para Paulo Freire (2003), este processo de desumanização, no qual o homem está imerso, sem visualizar alternativas concretas para desamarrar-se destes (falsos) paradigmas, é resultado do pouco que sabem de si. Assim, tal processo tornou-se uma preocupação evidente para aqueles que buscam a ampliação do conhecimento, da compreensão do mundo, de seus contextos e das percepções, mesmo que teoricamente subjetivas, por não terem fundamento científico, uma vez que se estabelecem ao nível da cognição e não da razão.

Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos (FREIRE, 2003, p. 30).

Não acredito que a desumanização seja vocação histórica dos homens e defendo uma postura de trabalho pela humanização, pela afirmação do homem enquanto pessoa capaz de superar a ideologia injusta que gera diferentes formas de violência humana. Partindo da crença no potencial humano do ser, creio na possibilidade de contribuir na formação crítica e pessoal que conduza a humanidade a melhores condições de vida a nível material, mental e espiritual.

O processo de educação, concebido como toda e qualquer influência recebida pelo ser humano no meio sócio-cultural em que está inserido, ao mesmo tempo em que é responsável pela permanência dos princípios capitalistas da sociedade neoliberal é o foco da esperança de um processo de mudança de paradigmas. A educação, considerada desta forma ampla, abarca a família nos diferentes contextos nos quais as pessoas crescem e se desenvolvem. Depois da família, pode-se afirmar que a escola é o principal e o primeiro meio onde as crianças passam a conviver com outras pessoas, a construir sua base de valores, de ética e de moral.

Porém, o sistema escolar é resultado de um percurso histórico, que a priori, não permite pensar em educação libertadora e humanizadora. Mesmo antecedendo à indústria e ao capitalismo, a escola foi moldada de acordo com seus princípios, inicialmente nos orfanatos criados para doutrinar crianças de forma a tornarem-se mão-de-obra potencial e em seguida como instituições semelhantes às empresas,

com a meta de produzir trabalhadores sem a preocupação de que fossem, ou não, alienados.

Como resultado ou consequência desse trajeto histórico do sistema escolar, Marcuse (1973) escreveu que a escola está paralisada, sem ter condições de reagir ou se opor à situação em que se encontra, pelo fato da razão humana estar sendo constantemente formada e/ou deformada pelos meios de informações que cada vez estão mais fortes, tendo como causa o desenvolvimento descontrolado das tecnologias e, também a mentalidade mercantilista que assola a população.

Em contrapartida a esta situação, as prateleiras das universidades estão repletas de pesquisas que contrariam esta realidade e contexto, mas que pouco agregam à mudança de paradigmas e das bases educacionais. Nessa condição não podem ou não possuem força suficiente para que mudanças reais aconteçam e possam agir contra a opressão capitalista que sufoca a sociedade.

Incomodada com este cenário no qual os princípios do utilitarismo próprio da sociedade industrial continuam se sobrepondo aos valores humanos, com os resultados atuais apresentados pela educação, com a falta de compromisso do ser humano em relação à sua própria vida, bem como com a falta de comprometimento de muitos docentes, considero que os cursos de formação de professores precisam de um olhar especial, por serem a fonte de formação básica daqueles docentes que conduzirão o processo de ensino dos alunos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A qualidade do ensino superior sofre avaliações e o resultado nem sempre é coerente com a realidade das instituições. Estes processos avaliativos geralmente são formulados de acordo com grades curriculares comuns a instituições de diferentes regiões do país e direcionados à ideologia da política nacional.

Considerando-se que os professores para atuarem com crianças de 0 a 10 anos, fase de extrema importância no desenvolvimento da personalidade, valores e condutas do ser, devem ser graduados em pedagogia, direciono meu estudo a este referido curso de licenciatura. Pela desvalorização social do professor, o curso de pedagogia não é reconhecido proporcionalmente à responsabilidade que tem com a formação de professores cujo trabalho é com crianças em pleno processo de desenvolvimento.

Depois de percorrermos um longo trajeto de educação bancária⁴, hoje vivemos uma realidade que exige outra postura do educador. Com tanto desenvolvimento dos meios de comunicação e seu acesso pelos mais novos, percebe-se que as crianças de hoje, em alguns aspectos, estão mais desenvolvidas do que muitos adultos, na fase em que eram crianças. Elas apresentam facilidade para adaptar-se, aprender a utilizar e compreender como funcionam os equipamentos eletrônicos que fazem parte do cotidiano. Estão atentas ao que lhe despertam o interesse, participam de diálogos demonstrando raciocínio avançado para o que se espera do comportamento infantil. São geradoras de ideias, espíritos livres para a visão do novo, para a visão até mesmo do que para os adultos é invisível aos olhos.

Em contrapartida, oferecemos a estas crianças (descritas anteriormente) uma escola organizada sobre estruturas materialistas e repressoras. Na maioria destas escolas, percebem-se ainda, raízes da ditadura militar, programas de conteúdos preocupados com a formação técnica de mão-de-obra qualificada, seguindo um vértice oposto ao de uma formação holística, humanizadora e igualitária. Retoma-se então, o fato de perceber nos cursos de formação de professores uma perspectiva de mudar a realidade das escolas de educação básica, pois o educador trabalha de acordo com suas ideologias e formação, tanto pessoal como profissional.

Os cursos de formação de professores, mais especificamente o de pedagogia, geralmente abarcam com propriedade os aspectos relacionados com o desenvolvimento físico, cognitivo e psicológico do ser. Mas geralmente a questão da espiritualidade é esquecida ou desconsiderada, sendo que, certamente, é um dos fatores responsáveis pela falta de significado humano no ensino formal.

Entre muitas pesquisas que buscam encontrar justificativas e significados para processos de aprendizagem, Howard Gardner (2005) propõe um novo conceito⁵ e revela a existência de múltiplas inteligências. O autor considera que o recém-nascido possui potencial para desenvolver algumas delas e com o estímulo do meio, acaba

⁴ Na concepção de Freire (2003, p. 58): “A narração de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mas ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor o educador será. Quanto mais se deixem facilmente “encher”, tanto melhores educandos são”.

⁵ Gardner (2005) considera inteligência a capacidade para resolver problemas ou elaborar produtos que sejam valorizados pela comunidade. São elas: inteligência lógico-matemática, inteligência lingüística ou verbal, inteligência corporal ou cenestésica, inteligência musical, inteligência espacial, inteligência intrapessoal ou intrapsíquica, inteligência interpessoal, inteligência pictórica ou pictográfica e inteligência naturalista.

se destacando em alguma. Gardner (2005) salienta, ainda, o fato de o ensino formal priorizar as aptidões intelectuais, deixando as questões emocionais à parte.

Na concepção de Daniel Goleman (2005), a inteligência emocional está relacionada ao autoconhecimento, controle emocional, automotivação, reconhecimento de emoções em outras pessoas e habilidade em relacionamentos interpessoais, a qual é de fundamental importância para a formação do professor, para que possa ter clareza de sua missão enquanto educador e agir de forma coerente com ela, elaborando estrutura necessária para comprometer-se com o desenvolvimento de seus alunos.

Pode-se dizer que, muito próximo, ou melhor, um pouco além da inteligência emocional, Zohar e Marshall (2002) fazem referência à inteligência espiritual como sendo a responsável pelas demais inteligências descritas anteriormente, sendo ela a que mais nos diferencia dos animais e das plantas; é o sopro da vida que nos faz pensar, refletir, questionar e transformar.

Nesta direção Wolman (2001, p. 15) escreve que a inteligência espiritual é a capacidade humana de fazer perguntas fundamentais sobre o significado da vida e de experimentar simultaneamente a conexão perfeita entre cada um de nós e o mundo em que vivemos.

Em perspectiva semelhante, Marcelo Guimarães (2009, p.1) direciona seus estudos no intuito de

[...] desenvolver virtudes e qualidades espirituais, como a fé, o amor, a sabedoria, a alegria, a mansidão, o domínio próprio, a bondade, a fidelidade, a paciência, a compaixão, a unidade e união, a cooperação, o perdão, a criatividade, a humildade, a força, a perseverança, atitudes corajosas para enfrentar a adversidade, a dor, o sofrimento, mas também a alegria do sucesso sem prepotência e vaidade, o descobrimento do propósito pelo qual nascemos [...].

As qualidades e virtudes espirituais citadas por Guimarães (2009) caracterizam um ser feliz, crítico e livre da opressão da sociedade. E, penso que este é o ideal de cidadão que as instituições escolares devem priorizar nos diferentes níveis de ensino, ou seja, da educação infantil ao ensino superior, que para ser alcançado, considera-se fundamental qualificar o ser humano em todas as suas dimensões. Nesse sentido, apresenta-se a concepção de Hohgraefe (2006, p. 1):

Contemplar a presença da dimensão espiritual em um perfeito equilíbrio com as demais (social, emocional e racional) é outro ponto básico para o desenvolvimento do ser integral, trazendo-o à sua plenitude, ao reconectar-se com seu Eu Superior e à sua integração com o cosmos.

Compreender o ser humano dotado do aspecto espiritual, possibilitando desenvolver-se em todas as suas dimensões de forma a perceber-se com ser dotado de intimidade e transcendência, possibilita que amplie a sua consciência, que Trevisol (2003, p. 10) considera

[...] um olho que aprendeu a observar o que está além do que se vê, um ouvido que ouve o que está mais para lá dos sons, um entendimento que é capaz de interpretar além do que compreende a primeira vista, enfim, aquela capacidade de sentir existencialmente o que está acontecendo naquele exato momento e de compreender, no todo vivido até ali, o real significado do que está sendo percebido.

Ver, ouvir e sentir além do que os quatro sentidos nos permitem, provém da consciência que possibilita pensar sobre a vida, sobre o porquê e o para quê das coisas acontecerem. É esta consciência que nos consente questionar o porquê e para quê da educação.

Ainda de acordo com Trevisol (2003), este nível de consciência eleva-se de acordo com as vivências, experiências, conhecimentos de cada ser humano. Desta forma, quanto maior for o nível de consciência dos docentes, certamente mais qualificação humana terá para conduzir seus educandos para uma formação integral, crítica e libertadora, o que pode ser compreendido em outra concepção antropológica, ou seja, da filosofia da esperança e da utopia concreta de Ernst Bloch (2005, V. 1, p. 253):

[...] o homem é alguém que ainda tem muito pela frente. No seu trabalho e através dele, ele é constantemente remodelado. Ele está constantemente à frente, topando com limites que então já não são mais limites; tomando consciência deles, ele os ultrapassa. O propriamente dito no ser humano como no mundo ainda está por acontecer, está na expectativa, encontra-se sob o medo de ser frustrado, na esperança de ser bem-sucedido.

Bloch (2005) lança uma das sementes de esperança que impulsionou esta pesquisa, porque sua concepção da natureza e do mundo em devir, e do homem como ser em constante formação, não se separa da consideração do ser em sua plenitude. Assim, com a percepção das raízes naturais e materiais da realidade humana, permite a consciência da importância da inteligência espiritual ser

apresentada e aprimorada nos cursos de formação de professores, porque possibilita a ampliação da consciência.

A pesquisa que deu origem a esta dissertação justificou-se, portanto, pelo interesse em verificar se os cursos de formação de pedagogos abordam a temática da espiritualidade, bem como revelar como esta aprendizagem está sendo proposta e desenvolvida. Em uma perspectiva mais específica procuro, também, discutir a relevância desta temática na formação de pedagogos e compreender a concepção do termo espiritualidade para as pedagogas entrevistadas.

Talvez possa parecer ousadia incluir o tema da espiritualidade numa pesquisa acadêmica, por esta ser uma temática muitas vezes distante do fazer científico, sendo vista com certa desconfiança por muitos pesquisadores⁶. No entanto, Lopes e Lopes (2004), me tranquilizaram na medida em que consideram que a ciência deveria estar também a serviço da espiritualidade, pois em cada sujeito – cientista ou não - está o pressentimento da sacralidade⁷.

Tomando essas reflexões e intenções por base, estruturei a presente dissertação que constitui por cinco capítulos, sendo o primeiro esta introdução. No segundo capítulo apresento um singelo referencial teórico dos aspectos que rodeiam a temática abordada na dissertação. Na sequência, no terceiro capítulo, descrevo o roteiro metodológico utilizado para a coleta de dados que, por sua vez, compõem o quarto capítulo a partir da análise e discussão das informações coletadas. Encerro a dissertação no quinto capítulo com aspectos conclusivos do estudo.

⁶ Desde 1994, algumas faculdades de medicina americanas começaram a incluir componentes de espiritualidade no seu ensino. No Brasil, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), abriga desde 2000, o Núcleo Interdisciplinar de Estudos Transdisciplinares sobre Espiritualidade (NIETE).

⁷ Lopes e Lopes (2004, p.34) considera dentro do conceito de sacralidade a energia que perpassa qualquer manifestação física ou etérica, perceptível ou não, através dos sentidos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao falar na dimensão espiritual de cada um Wolman (2001, p. 30) afirma que o ser humano pode desenvolvê-la de duas maneiras: tal como um viajante aventureiro, que busca novos conhecimentos, insight e sabedoria, mas tem a verdade por ser revelada; ou como o mineiro que encontrou a mina do conhecimento e precisa escavá-la para obter o ouro da sabedoria, o tempo todo aperfeiçoando o produto de seu trabalho. Para ambos, o resultado final está acima de todas as coisas e ambos podem ser vistos como parte da experiência espiritual.

O valor do estudo da espiritualidade de um ponto de vista objetivo é que ele inclui os dois estilos de experiência espiritual e os trata como maneiras diferentes, mas igualmente válidas de alcançar o conhecimento (WOLMAN, 2001, p. 31).

Na construção deste estudo serei um pouco viajante e um pouco mineiro, pois diante de toda a verdade a ser revelada na busca das respostas a questão que norteia a caminhada, escavarei nos escritos e falas.

Saliento que o estudo está direcionado para o educador em formação, por considerá-lo vertente de olhares diferenciados para os alunos de educação infantil e anos iniciais. Assim, este referencial, inicia-se com uma abordagem sobre a questão da espiritualidade, discorrendo-se sobre a educação, fará a ligação entre educação e espiritualidade, finalizando-se com a discussão sobre a formação de pedagogos.

2.1 Espiritualidade

O homem é um ser complexo, composto por duas condições básicas intimamente combinadas: a física (material) e a espiritual (não material) e, na sua incompletude, deve ser compreendido em sua totalidade, como humano que é, incluindo os aspectos físicos, mentais, sociais, afetivos e espirituais

A saúde física preocupa-se com o bem estar do corpo material, a mente é a estrutura cognitiva que gere e processa pensamentos que, por sua vez, provocam emoções. Tudo isso está diretamente relacionando à qualidade e aos princípios do grupo social do qual o ser faz parte.

Com o passar do tempo, aconteceram muitas mudanças que afetam a saúde da essência do homem. Destacam-se, neste momento, as relações sociais

baseadas no individualismo, o que gera uma competição patológica no ser humano, onde o ter sobrepõe o ser e vence quem pode ter mais. Para Maturana (2002), a competição se configura na negação do outro, algo egoísta de uns vencendo a partir da derrota alheia. Em prol da vitória capitalista de poucos, prejudica-se a humanidade. Seria a razão, característica que o senso comum nos diferencia dos animais, a responsável por esta barbárie?

A realidade capitalista esqueceu que o ser humano possui coração e que o mundo é construído a partir de laços afetivos. A subjetividade, os sentimentos, a ternura e a sensibilidade ética, perderam valor de forma que a realidade atual defende a racionalidade. Maturana (2002, p. 15) nos surpreende ao informar que “todo sistema racional tem um fundamento emocional”, desta forma, por traz dos princípios capitalistas há o aspecto emocional que está sendo oprimido. Poderia ser esta a causa da elevada taxa de uso de antidepressivos? Poderia ser esta a causa da depressão estar presente na infância? Sobre este assunto escrevi o Trabalho Final de Graduação em Pedagogia⁸ e, a priori, acredito ser possível estabelecer uma relação científica sobre a depressão da infância e o modelo de sociedade atual.

Que o ser humano é constituído, também, pela sua espiritualidade, não foi esquecido, mas pouco é reconhecido. Muitos buscam, nas religiões, respostas e soluções para seus problemas, na grande maioria conseqüente da realidade capitalista. A busca imediatista por soluções não permite que desenvolvam consciência de que a solução e prevenção das questões ambíguas da vida encontram-se dentro de si, na relação com o outro e com o meio. Leonardo Boff (1938) acredita que o ser humano é parte da natureza e que a relação entre eles está diretamente relacionada aos aspectos racionais e espirituais. Desta forma, conclui-se que o ser humano “é um ser de abertura. É um ser concreto, situado, mas aberto. É um nó de relações, voltado em todas as direções” (BOFF, 1938, p.36) e que para crescer e progredir de forma saudável considera-se necessário cuidar de todos estes aspectos, buscando uma vida equilibrada.

Para alcançar bom nível de saúde e qualidade de vida, o homem necessita das suas relações, com dimensões materiais e espirituais, pois se considera que a vida, acima de tudo, é necessidade e ela pode ser constatada consigo mesmo, com seus

⁸ NUNES, Alexandra Santos. **Referências sobre depressão infantil: algumas colaborações para o cotidiano escolar**. Santa Maria: UNIFRA. Trabalho Final de Graduação, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Centro Universitário Franciscano.

semelhantes, com a natureza e com a divindade. É característica do ser humano buscar a felicidade e esta se faz presente no equilíbrio entre as aspirações materiais e espirituais.

Sandrini (2007) afirma que a matéria não se contrapõe ao espírito e sim, ao contrário, também pode e deve a matéria estar incluída em uma sadia espiritualidade. Com esta afirmação o autor rompe com a dicotomia extremista, herdada de Platão, de que a matéria por si é má e opõe-se ao espírito. Explica que

Espírito significa vida, construção, força, ação, liberdade. A espiritualidade não está fora da matéria, fora do corpo ou da realidade real, fora do mundo mundano, mas algo que está dentro, que habita a matéria, o corpo, a realidade, e lhes dá vida, os faz ser o que são: enche-os de força, move-os, impele-os (SANDRINI, 2007, p. 27).

Penso que para ser uma pessoa espiritualizada não é preciso abrir mão dos bens materiais, viver em clausuras, dedicando-se exclusivamente às orações e à caridade. Marcos Sandrini (2007) e Leonardo Boff (1938, 2003, 2009) nos revelam que a espiritualidade se encontra no equilíbrio entre as necessidades materiais, os cuidados espirituais e conseqüentemente na relação estabelecida consigo, com os outros e com a natureza. Considero que é na energia que estabelece estas relações e que se encontra o que muitos chamam de Deus.

Desta forma, Sandrini (2007) fortalece Boff (1996) quando reflete sobre o conceito de Deus como sendo o Mistério do Mundo, que não se opõe à razão e sim que significa o ilimitado da razão, ou seja, aquilo que pode ser conhecido, porém continua a desafiar o conhecimento. Ou seja, sente-se a existência, porém ainda ultrapassa os limites da ciência.

A espiritualidade, para Sandrini (2007), está relacionada com a palavra latina *anima*, que significa vida, alma, espírito. Desta forma, toda pessoa é necessariamente espiritual, enquanto, como ser humano, está dotado de espírito. No entanto, todas as pessoas são dotadas do aspecto espiritual, porém as opções de vida determinam a qualidade desta espiritualidade. Diaz (1993), assim como Sandrini (2007), acredita que a palavra espírito se refere a um ser dotado de autoconsciência e de capacidade de reflexão sobre si mesmo, com o intuito de contribuir para a sua felicidade plena, para a felicidade do outro de forma saudável para o mundo.

Vista por este ângulo, a dimensão espiritual é, muitas vezes, incorporada à dimensão psicossocial, sem ser considerada por sua acepção e importância, o que permite que os termos sejam usados sem clareza de seus significados, acarretando formas equivocadas de interpretação. Assim, defendendo nesta pesquisa que o aspecto espiritual que compõe a complexidade do ser humano, precisa fazer parte da formação de professores e ser considerado em suas especificidades, podendo assim contribuir para o progresso saudável da humanidade.

Equívocos de conceitos acontecem, muitas vezes, com os termos espiritualidade e religiosidade, por isso, cabe esclarecer que espiritualidade e religiosidade provem de contextos distintos, uma vez que a espiritualidade antecede a religiosidade. A espiritualidade pode ser vista como um aspecto da humanidade do homem e, neste sentido, é única, ao passo que as religiões são os diferentes caminhos para aprimorar espiritualidade, embora nem sempre sejam suficientes para o desenvolvimento pessoal e, quando o é, a pessoa se dá conta desta condição espiritual (FERRER, 2002). Cabe esclarecer que não se considera a religião fundamental para viver-se espiritualmente equilibrado. Cabe a cada ser humano buscar o autoconhecimento e formas de integrar-se com sua subjetividade, refletir sobre seus pensamentos, atos e sentimentos e então renovar a energia que anima a vida. Esse processo permite que o homem viva de forma integral, enquanto dotado de sentido e vitalidade. Sobre isso, Boff (2003, p. 102), considera que

A espiritualidade é aquela atitude pela qual o ser humano se sente ligado ao todo, percebe o fio condutor que liga e religa todas as coisas para formarem um cosmos. Essa experiência permite ao ser humano dar um nome a esse fio condutor, dialogar, entrar em comunhão com ele, pois o detecta em cada detalhe do real. Chama-o por mil nomes, Fonte Originária de todas as coisas, Mistério do Mundo ou simplesmente Deus.

São inúmeros os termos utilizados pelas religiões, seitas e filosofias de vida para denominar o que neste momento conduzimos como espiritualidade. Na citação anterior o autor cita Fonte Originária de todas as coisas, Mistério do Mundo, Deus e em outra obra deste mesmo autor (BOFF, 2009), constata-se ainda o termo transcendência.

Leonardo Boff (1938, 2009) e Sung (2007) defendem a espiritualidade como sendo a dimensão intrínseca do ser humano que possibilita a superação de limites e

que está além do aspecto material, ou seja, força que nos impulsiona a viver e nos ajuda a superar as dificuldades internas e externas que enfrentamos.

Partindo dos conceitos apresentados nos parágrafos anteriores, concluo e defendo nesta pesquisa que a espiritualidade é a energia vital que se estabelece a partir de atitudes boas e honestas, baseadas na cooperação, repletas de amor e cuidado consigo, com os demais e com o meio ambiente, o que resulta na própria felicidade e na felicidade alheia. Conceito este que se faz presente nas mensagens deixadas por Jesus Cristo, Buda, Mahatma Gandhi, São Francisco de Assis, São Vicente Pallotti, entre outros.

Na obra *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*, Leonardo Boff (1996, p. 217) esclarece que este fio condutor da existência “deve emergir naturalmente de dentro da experiência global e holística que temos do universo e de nós mesmos dentro dele”, ou seja, a busca pela espiritualidade está na qualidade da relação do ser humano consigo, com os outros e com o meio ambiente, a qual está sendo conduzida em prol dos interesses da sociedade neoliberal, marcada pela competitividade, exclusão social, guerra, egoísmo e materialismo.

A Neurologia e a Física da Consciência nos mostra que a Inteligência Espiritual (QS) é uma capacidade inata do cérebro humano, a qual não temos que receber de ninguém, não temos que aprender o que ela é, não temos que herdá-la. O Eu profundo faz parte do ser humano e esta sempre presente como testemunha à medida que nossa vida se desenvolve. Ou seja, o Quociente Espiritual está relacionado com a capacidade do ser humano de enfrentar a dor, de aprender com o sofrimento, de deter-se no autoconhecimento e pela relutância de prejudicar outras pessoas e o meio em que vive (ZOHAR; MARSHALL, 2002).

Assim, acredita-se que um dos possíveis caminhos em direção à solução de alguns problemas sociais poderá ser o da ampliação da espiritualidade, de forma que as mudanças comecem por trajetos subjetivos de cada ser, para então, externarem mudanças que poderão tornar o sonho da vida saudável, em seus diferentes aspectos, realidade. Boff (2003, p.18) acredita que “para isso o ser humano precisa se reencantar com a natureza, o universo. Esse reencantamento não irrompe por ele mesmo. Ele emerge a partir de uma nova experiência espiritual e um novo sentido de ser”.

Essa nova forma de viver não surge de uma hora para outra. Brota a partir da vontade do ser humano de estimular a energia espiritual que nos torna sensíveis a

tudo que tem a ver com a vida e a cooperação. Esta sensibilidade espiritual, Boff (2003, p.18) chama de feminino, que está presente em homens e mulheres, e acrescenta.

Do feminino e do cuidado surge um novo paradigma ético que coloca a vida no centro, vida compartilhada com os outros, vida aberta para cima e para frente, para as virtualidades que se escondem dentro dela e que querem vir à luz e fazer história.

Este paradigma está em desencontro com a cultura materialista e pobre de valores e princípios. Estamos em um tempo em que se precisa trazer a espiritualidade à consciência humana e “fazer que a sociedade, a cultura e a educação reservem espaços de contemplação, de interiorização e de integração da transcendência que está em nós” (BOFF, 1938, p.76).

Estamos em tempo de resgatar a lei suprema do universo, que é a da cooperação de todos com todos, da solidariedade cósmica:

A solidariedade se encontra na raiz do processo de hominização. Nossos ancestrais homínidas ao saírem em busca do alimento não o consumiam individualisticamente, mas o traziam ao grupo para reparti-lo solidariamente. Foi a solidariedade que permitiu o salto da animalidade à humanidade e à criação da socialidade que se expressa pela fala. Todos devemos nossa existência ao gesto solidário de nossas mães que nos acolheram na vida e na família (BOFF, 2003, p. 54).

Percebe-se que a essência do ser humano é baseada na cooperação, a qual a evolução e a sociedade corromperam e esta pesquisa busca fortalecer, por acreditar que a educação possui poder para tanto, se assim estiver constituída por profissionais qualificados, críticos e conscientes.

2.2 Educação escolar

A história é êmula do tempo,
repositório dos fatos, testemunha do passado,
exemplo do presente, advertência do futuro.
Miguel de Cervantes

A escola é a instituição que tem papel social relevante no que se refere à percepção e assimilação da cultura e da trajetória histórica característica da sociedade na qual está inserida. Porém, é alvo de críticas das mais severas às mais brandas. São muitos os adjetivos negativos e poucos positivos citados para

descrever a organização estrutural e de ensino do sistema educativo. Para compreender qualquer fato é importante recorrermos a seus antecedentes. Com a escola não seria diferente, porém, quando o que se tem em questão são instituições ou acontecimentos históricos, é preciso ter cautela e clareza das fontes de informações e conhecimentos. Não há apenas uma linha de raciocínio e de pesquisa, são muitas as escolas ou correntes que relatam e discutem o processo histórico da escola e por este motivo criaram-se fetiches, principalmente por esta história começar bem antes de Cristo. Dando um salto na linha do tempo, neste trabalho, revisitam-se fragmentos da história do ensino sistemático, tendo como cicerone Enguita (1989) que permite analisar a relação entre escola, trabalho e processos de produção.

Como nos mostra Jaeger (1994), este trajeto começa na família, como na Roma arcaica, em que os meninos acompanhavam o pai no trabalho e na guerra e a menina auxiliava a mãe nos afazeres da casa. Desta forma, a formação para o trabalho acontecia nele mesmo, até porque a escola transmitia apenas valores religiosos e políticos. Já nas famílias inglesas do final do século XV, as crianças de 7 a 9 anos, eram levadas a trabalhar na casa de outras pessoas como aprendizes, as famílias direcionavam os filhos e recebiam outras crianças. Além de acompanhar a família que o recebia no trabalho, cabia às crianças auxiliarem nos trabalhos domésticos e servirem seus mestres no que precisassem. Este intercâmbio entre famílias, foi justificado por considerar que os vínculos afetivos prejudicavam a formação para o trabalho que deveria ser transmitido para os pequenos, de forma que aprendessem junto do seu mestre o ofício de artesão para, quando adultos, tornarem-se independentes.

Embora o trabalho do aprendiz beneficiasse em primeiro lugar o mestre, a relação de dependência, subordinação e, provavelmente, exploração, encontrava sua contrapartida na própria formação e na perspectiva, não segura porém presente, de culminar a própria carreira alcançando a condição de artesão independente (ENGUITA, 1989, p. 107).

A partir desta troca entre mestre e aprendizes, a socialização e a cultura foram passando de uma geração para outra sem a atuação de especialistas, e a escola era vista como instituição marginal por ensinar as primeiras letras, iniciá-los para a literatura e preparar copistas. Como o contato entre crianças e mestres acontecia de

forma intensa e por longo período de tempo diário, desde cedo o aprendiz passava a viver a rotina do adulto, onde lhe eram impostas as relações sociais de produção.

Na Idade Média, os artesãos aprendiam seus ofícios na casa de outras famílias, os órfãos eram considerados responsáveis por crimes sociais e por este motivo eram recolhidos em escolas doutrinadoras da conduta chamados de orfanato. Estas instituições adquiriram força por estar de acordo com a necessidade da indústria: forma de produzir mão-de-obra barata e disciplinada num contexto onde todos, de alguma forma, deveriam ser úteis, inclusive crianças a partir de 4 anos de idade. Desta forma os orfanatos se tornaram fábricas onde o produto deveria ser indivíduos doutrinados e preparados para o trabalho, onde cada um aprendia o necessário para a função a ser realizada sem necessidade de saber pensar ou ter qualquer outro conhecimento. O estudo e a ciência eram reservados a quem tinha condições financeiras e tempo para tal.

Essa forma de agir era pensada por autores como Voltaire (1694 - 1778) que afirmou que a “terra queria diaristas, não clérigos tonsurados”, Rousseau (1712 - 1778) e Kant (1724 - 1804) consideravam que o bem da sociedade não exige o conhecimento além da ocupação do homem e Murillo (1803 - 1873) reafirmou dizendo que a sociedade não precisava de homens que pensassem, mas de bois que trabalhassem (apud ENGUITA, 1989).

Roland de Erceville e Condorcet (apud ENGUITA, 1989) defenderam o papel da educação como meio de socialização e de esclarecimento para que o homem não se subjugasse nos seus preconceitos. Reconhecendo as razões destes pensadores, mas não deixando de valorizar o fato da formação alienada, viram na via intermediária o melhor caminho, ou seja: educá-los, mas não demasiadamente de forma a dar-se conta e reagir do local social onde encontram-se. A melhor forma de trilhar este caminho se deu através da religião que confortava e acomodava cada ser como merecedor de seu status, para que a ordem fosse mantida e o progresso garantido.

[...] é mais adequado para o bem-estar de nosso povo esforçar-se em fazer deles cristãos ilustrados que sábios no conhecimento mundano; não queremos estadistas em nossas fábricas, mas indivíduos em ordem (SILVER, 1983, p. 39).

“Indivíduos em ordem” significam seres acríticos e não pensantes que não comprometessem o andamento pré-definido da estrutura de organização da produção. Estas pessoas eram fundamentais para a indústria que se encontrava em ascensão e solicitava funcionários disciplinados, regrados, que aceitassem trabalhar para os outros e fossem obedientes. Para ter este perfil de colaboradores, se fazia necessário que as crianças fossem moduladas de acordo com o padrão. Para receber esta formação adequada às necessidades do sistema de produção, investiu-se nas escolas como meio de instalar o labor, inculzir crenças religiosas favoráveis, domar caráter e comportamentos de forma que os seres que dali saísse pudessem ingressar utilmente na sociedade. Para obter este produto, foi necessário priorizar a disciplina e o ensino tornou-se secundário. Cabia à escola, tornar os imigrantes homens pátrios, ou seja, inculzir neles a cultura do país para que fizesse parte da ala de trabalhadores passivos (ENGUITA, 1989).

Os reformadores religiosos tiraram proveito desta situação histórica-social-econômica e doutrinadora da escola para se firmarem e inculzirem suas crenças e ideologias nos seres em formação. Desta forma a escola passou a responder a fins políticos, religiosos e militares.

Seguindo a descrição de Enguita (1989), no século XIX a escola estava diretamente ligada à indústria e aos preceitos tayloristas/fordistas, o que levou à obsessão pela eficiência, difundida graças ao capitalismo. Com foco na organização extrema, no lucro imediato, no controle demasiado, rotina fixa e padrões de gestão e condutas, coube à escola aderir esta forma administração, comparando seus rendimentos e resultados com os esperados pela indústria que se afirmava como liderança do mundo empresarial, cabendo à escola imitar e servir as empresas. Percebo então, que, mesmo antecedendo a indústria e o capitalismo, a escola foi moldada de acordo com seus princípios, inicialmente nos orfanatos criados para doutrinar crianças de forma a tornarem-se mão-de-obra potencial e em seguida como instituições semelhantes às empresas com a meta de produzir trabalhadores alienados.

Todo dia ela faz tudo sempre igual...
Chico Buarque de Holanda

Mesmo o tempo passando e alguns autores se destacarem por criticarem o fato de que a escola continua sendo espaço de reprodução ideológica, como Paulo

Freire, percebo que são muitos os desafios que propiciam reflexão e merecem ser avaliados diante da sociedade que se perpetua ou dos anseios de mudanças.

Entre os problemas que envolvem as instituições escolares estão os de cunho administrativo como o baixo investimento financeiro pelos governos, péssimas estruturas físicas, profissionais mal remunerados e desmotivados, alto índice de repetência e evasão escolar e baixíssimo nível de ensino. Na sala de aula o agente ativo é o professor e o aluno mero expectador do que o professor lhe “transmitirá”. O currículo é compartimentado em disciplinas estanques: português, matemática, ciências, artes, educação física, partindo do princípio de não haver relações entre elas. O aluno que passa por este processo é considerado “formado”. Ou seja, pronto para o mercado de trabalho. Não vamos nos prender a analisar um ou outro aspecto negativo da escola, mas, de forma ampla, refletir sobre a situação desta instituição partindo do breve conhecimento que a história nos permitiu nos parágrafos anteriores.

Como resultado ou consequência do trajeto histórico do sistema escolar, Marcuse (1973) escreveu, há três décadas, que a escola está paralisada, sem ter condições de reagir ou opor a situação em que se encontra pelo fato da razão humana estar sendo constantemente formada e/ou deformada pelos meios de informações que cada vez estão mais fortes pelo desenvolvimento descontrolado das tecnologias e pela mentalidade mercantilista que assola a população.

Realmente, a escola está de mãos atadas para que possa continuar sendo adequada aos objetivos e ideologias neoliberais que garantem o capitalismo desenfreado e a mão de obra alienada que possibilitam o desenvolvimento industrial do mundo globalizado. Invertendo a lente convexa, têm-se alunos, seres humanos, constituídos de corpo e mente, com aspectos sociais, espirituais e físicos em permanente formação pedindo por uma inversão de valores para que possam contribuir na constituição de um mundo mais solidário e feliz.

Geralmente, solidariedade é um termo muito falado e pouco praticado na escola por se tratar de um espaço extremamente individualista onde cada um carrega seu material, organiza-se na sua classe e não podem trocar ideias. Esta organização é uma forma de violência com o intuito de manter a população alienada. Costa (2005, p. 1262) considera “a violência multifacetada, encontrando-se diluída na sociedade sob as mais diversas formas que se interligam, interagem, (re) alimentam-se e se fortalecem”.

A repressão escolar, embora já tenha sido combatida por muito tempo, é muito forte, resultado de um trajeto histórico e estimulada pelo sistema social, o que acarreta em altos índices de evasão e abandono escolar. A educação é um direito garantido desde o tempo do Império. Na Constituição brasileira de 1824, no artigo 179, inciso XXXII consta (BRASIL, 1824): “A instrução primaria, e gratuita a todos os Cidadãos” (sic), e essa garantia legal é assegurada, até a Constituição Federal vigente desde 1988 (BRASIL, 1988), onde assegura a educação como direito social juntamente com a saúde, moradia, lazer, segurança e infância. Em contrapartida, questiona-se se há condições adequadas para esta garantia ser colocada em prática.

A Lei que rege a educação no Brasil é a Lei nº 9.394, a Lei de Diretrizes e Bases, de 1996, que defende o desenvolvimento integral da criança apenas na educação infantil (BRASIL, 1996).

Art.29. A educação infantil primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Ao contrário do que é oferecido legalmente às crianças de 0 a 6 anos, analisando os objetivos do ensino fundamental e médio percebe-se que a técnica sobressai sobre os valores humanos, expresso com clareza apenas no inciso IV do artigo 32: “[...] o fortalecimento dos vínculos da família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social” enquanto que nos artigos referentes ao ensino médio a preocupação se dá basicamente à formação técnica e profissional do aluno (BRASIL, 1996).

Partindo desta breve análise da LDB, Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996), pode-se entender que o ser humano é considerado na sua complexidade apenas na educação infantil. Realmente, a história e a legislação não deixam dúvidas de que, por trás de muitos textos bem escritos em Parâmetros Curriculares e outros documentos publicados pelos governos, o sistema neoliberal não deixa brechas para a escola caminhar rumo a um futuro promissor de pessoas mais humanas e felizes.

A vida, a vida, a vida,
só é possível reinventada.
Cecília Meireles

Reinventar a educação. Acredita-se que este é o caminho que educadores comprometidos devem trilhar para contribuir na formação de cidadãos respeitados em suas particularidades e plenamente felizes. Trabalhar por uma educação melhor requer lutar contra o que a natureza impõe desde o nascimento a cada ser humano Vygotsky (apud REGO, 1995), sendo que as características humanas resultam da interação dialética entre o homem e o sistema sócio-cultural. Mesmo constatando que a ideologia não mudou, temos conhecimento de inúmeras teorias pedagógicas que propõem práticas mais humanizadas e construtivas, com o intuito de possibilitar aos educandos tornarem-se cidadãos diferentes dos desejados pela sociedade.

Paulo Freire é referência quando se pensa em uma educação que colabore para a libertação do ser humano das amarras capitalistas e das ideologias políticas impostas pelo sistema, considera que “formar é muito mais do que treinar o educando no desempenho de certas destrezas” (FREIRE, 1996, p.14), é proporcionar momentos de construção de conhecimentos e valores críticos que o liberte da doutrina imposta pelo sistema, ou seja, “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.22), reforçando a capacidade crítica do educando, sua curiosidade e sua insubmissão. A esse processo, Freire chama de humanização oposta ao que aconteceu na história dos homens onde também se encontra a esperança de que a mudança é possível:

Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos (FREIRE, 1987, p. 30).

Com base nos preceitos de Freire, reacende a esperança de que a educação pode caminhar em desacordo com a acomodação apontada por Marcuse (1973) e construir pequenas e grandes histórias a curto, médio ou em longo prazo, dependendo do empenho e formação de cada uma das pessoas que compõem o sistema educacional.

E assim como caminhamos com Freire, poderíamos trazer à tona tantos outros como Morin, Rubem Alves, Gadotti, que acreditam e defendem educação primeiramente humana e em seguida a técnica necessária para sobreviver na sociedade atual.

Talvez, a escola que desejo fosse aquela onde o aluno construísse seu conhecimento de acordo com seus interesses e ritmo de aprendizagem, atividades pedagógicas interessantes e construtivas que desenvolvam no aluno a capacidade de pensar, resolver problemas e tomar decisões com responsabilidade, que tenham currículo que ofereça visão multidisciplinar dos conhecimentos, que valorize outros tipos de inteligência além da lingüística e matemática, que aumente o uso de novas tecnologias de comunicação, que considere a emoção e a espiritualidade. Essa escola pode fazer parte da utopia valorizada por Ernst Bloch (2005), a instituição libertadora proposta por Freire (1996), o restaurante especial nas comparações de Rubem Alves (2000), semelhante à escola modelo da Ponte de Portugal, pode ser o colégio onde as educadoras que colaboraram com este trabalho atuam, pode ser aquela do interior ou do centro de Santa Cruz, pode ser aquela em que trabalhamos. Pode ser...

Depende de nós,
Quem já foi ou ainda é criança,
Que acredita ou tem esperança,
Que faz tudo pra um mundo melhor
Ivan Lins.

Depende de nós, educadores que compõem o sistema escolar atual e cuja formação perpassa a história de vida de cada um e os cursos de formação, formais e informais, que nos dispomos a frequentar para qualificar ou desqualificar a prática pedagógica.

2.3 Educação e espiritualidade

Se as coisas são inatingíveis... ora!
Não é motivo para não querê-las.
Que tristes os caminhos se não fora
A mágica presença das estrelas.
Mário Quintana

Pensando como Trevisol (2003, p. 9) questiono: “Não seria a consciência o espaço do verdadeiro conhecimento, e a consciência ampliada, o alvo para onde a educação deveria mirar e para onde o indivíduo que se educa deveria ser orientado?”.

A espiritualidade profunda produz a ampliação da consciência o que provoca mudança, pois desordena e altera o pensamento dominante das relações da educação pautada no poder. Este autor considera que quando acontece a aprendizagem, a consciência humana se amplia, modificando a percepção de tudo que o cerca, indo além dos sentimentos e emoções, por ser mudável e ampliar-se a partir de novos conhecimentos, intuição, autoconhecimento, possibilitando educar-se para/com valores nobres de humanidade, solidariedade e ecologia.

Desta forma, conclui-se com Trevisol (2003) que educar é contribuir para a ampliação da consciência. Este autor refere que os sete saberes apontados por Edgar Morin (2000) são exemplos de caminhos pedagógicos que podem desencadear o progresso da consciência humana. Para este pensador só a consciência poderá salvar a humanidade do caos em que se encontra, pois se tornou uma comunidade de destino, e somente a consciência desta comunidade pode conduzi-la a uma comunidade de vida.

Pierre (2004) abona o que Morin (2000) defende, considerando ser “indispensável pensar a evolução da educação no quadro geral da evolução da consciência da humanidade” (p. 15) e acrescenta que educar significa “abrir progressivamente a consciência de nossos semelhantes, ou seja, colocá-los em ruptura com o já conhecido, sem, contudo obrigá-los a renegar as riquezas do passado” (p. 16). Assim, para este pensador, “toda ação educativa implica um pensamento criativo e uma vontade de pôr em prática. Nesses dois níveis, o que necessitamos é de uma alta dimensão espiritual” (PIERRE, 2004, p. 17).

Quem se propõe a atuar como mediador da construção do conhecimento deveria ter a consciência de que, na realidade, além de identificar o tipo de mente que tem à sua frente, como aluno, assumirá a responsabilidade de não violentá-lo em suas estruturas perceptivo/emocionais, além da busca da captação da sua confiança, o que permitirá a abertura natural à recepção das informações que tem a receber para desenvolver a aptidão de aglutinação e cotejo entre o novo que transmite e o já registrado. Neste aluno, o que permitirá as pontes mentais de entendimento que o farão chegar às conclusões, que ele, então, transformará em pensamentos/conclusões/ideias, para, finalmente, considerá-las conhecimento, será o nível de relação estabelecida entre ambos os envolvidos – educador/aluno.

Ou seja, ser educador exige mais do que conhecimentos específicos ou talento. É necessária formação e muita reflexão sobre sua prática. Concordando com Crema (1995), posso dizer que questões como a formação formal, teórica e quantitativas da educação estão afins com o método analítico, enquanto que a reflexão, a via qualitativa e a flexibilidade estão de acordo com o método analítico. Concordo com este autor quando coloca que a concepção holística integra os métodos de análise e síntese.

Resalto que a abordagem holística não é nem analítica nem sintética; caracteriza-se pelo uso simultâneo e conjunto ou da sinergia destes dois métodos. Ousando uma analogia útil para este entendimento, podemos afirmar que o substrato neurofisiológico envolvido nesta abordagem não nem o hemisfério cerebral esquerdo nem o direito, e sim o corpo caloso, um espesso feixe de nervos agregando milhões de fibras nervosas que interligam estes dois centros cerebrais, exercendo a transcendente função de interconexão hemisférica. Neste sentido, o corpo caloso pode ser entendido como uma outra metáfora apontando para o que Soler denominou “terceiro olho”, indispensável para ver e interligar (CREMA, 1995, p. 32).

Desta forma, a abordagem holística compreende na superação da distinção dos métodos, proporcionando compreender que um complementa o outro de acordo com cada situação. Tal concepção amplia e qualifica o conceito da realidade.

Analisando as correntes pedagógicas descritas por Libâneo, percebe-se que a espiritualidade está relacionada com a corrente “holística” por esta considerar o todo além das partes no processo educacional. Segundo Bertrand e Valois (1994) citado por Libâneo (2005, p. 35):

A educação holística não rejeita o conhecimento racional e outras formas de conhecimento, mas insiste em considerar a vida como uma totalidade em

que o todo se encontra na parte, cada parte é um todo, porque o todo está nela. Daí que a consciência da pessoa só pode ser comunitária, ecológica e cósmica.

Nesta citação percebemos a amplitude do significado da palavra “holística” e a complexidade de perceber a pessoa humana como ser comunitário ecológico e cósmico. Para melhor compreensão, volta-se um pouco no raciocínio e analisa-se o quanto a palavra holística está em voga na filosofia, nas terapias, nas ciências, na ecologia, na economia e na educação. O conceito de holístico transcende toda fragmentação disciplinar e integra o novo paradigma transdisciplinar, tal como foi descrito por Nicolescu, que é um dos mais respeitados físicos teóricos no cenário científico contemporâneo.

Percebe-se em Nicolescu (2001) e Libâneo (2005), apesar de suas áreas de atuação e estudos serem diferentes, a preocupação com a educação e a formação humana que está sendo dispensada nas instituições escolares e que permeiam os meios educacionais, influenciadas pelo contexto sócio-político-econômico vigente e do qual fazemos parte sem ter forças de mudar paradigmas, o que provavelmente seria possível através da educação. Em Nicolescu (2001, p. 7) percebemos estes aspectos com clareza:

As diferentes tensões – econômicas, culturais, espirituais – são inevitavelmente perpetuadas e agravadas por um sistema de educação baseado em valores cuja defasagem em relação às mutações contemporâneas se acentua de forma acelerada. A guerra mais ou menos embrionária das economias, das culturas e das civilizações não deixa de provocar conflitos reais em alguns pontos do planeta. No fundo, toda a nossa vida individual e social é estruturada pela educação. A educação está no âmago de nosso devir.

No mesmo instante em que cita o problema, o autor apresenta a solução que no caso é a educação. Libâneo (2005), em outras palavras confirma o que pensa Nicolescu (2001):

A pedagogia ocupa-se das tarefas de formação humana em contextos determinados por marcos espaciais e temporais. A investigação do seu objeto, a educação, implica considerá-lo como uma realidade em mudança. A realidade atual mostra um mundo ao mesmo tempo homogêneo e heterogêneo, num processo de globalização e individuação, afetando sentidos e significados de indivíduos e grupos, criando múltiplas culturas, múltiplas relações, múltiplos sujeitos (LIBÂNEO, 2005, p. 15).

Os dois autores convergem para o mesmo entendimento, destacando que a corrente holística descrita por Libâneo apresenta as teorias do pensamento complexo, a teoria naturalista do conhecimento, ecopedagogia, o conhecimento em rede e o holismo.

O pensamento complexo caracteriza-se pela importância dada às relações estabelecidas entre as partes; a teoria naturalista do conhecimento compreende que o conhecimento humano está ligado ao plano biológico, bioindividual e biossocial; a ecopedagogia caracteriza-se pela pedagogia que promove a aprendizagem a partir da vida cotidiana; o conhecimento em rede está assentado na visão moderna de razão. O holismo compreende a realidade como totalidade, formada por dimensões interpenetrantes, conduzindo a buscar um equilíbrio dinâmico entre o homem e seu meio físico e considera o cósmico como parte integrante das dimensões que cercam o ser humano. Essa perspectiva teórica considera a espiritualidade como conhecimento e como possibilidade para o desenvolvimento evolutivo dos seres.

Desta forma percebo que o tema espiritualidade pode ser sustentado por teorias pedagógicas existentes e reconhecidas, não sendo um tema que esteja fora das concepções de pesquisadores renomados e, diante desta relação, tem-se uma confirmação da importância da espiritualidade fazer parte dos assuntos pedagógicos e acadêmicos, contribuindo para a qualificação da formação de educadores e, conseqüentemente, de suas práticas.

Assim, compreendo a importância da espiritualidade no desenvolvimento do ser humano, não podendo ser ignorada quando o assunto é formação de pessoas, principalmente quando estas pessoas serão responsáveis pela formação de outras, como é o caso dos acadêmicos dos cursos de pedagogia. A formação humana destes acadêmicos refletirá na prática pedagógica, podendo caracterizá-la, ou não, como humanizadora e promotora de autoconhecimento.

A busca de sentido e de significado é uma das necessidades fundamentais do ser humano e que o distingue das demais espécies. Assim, reconhecer a capacidade que distingue e diferencia a mente de uma máquina, aceitando-a como algo externo ao próprio corpo, é reconhecer a espiritualidade (GOSWAMI, 2006). O desenvolvimento da espiritualidade está relacionado à ampliação da consciência, conforme aborda Trevisol (2003) que discorre sobre o tema fundamentado em autores como Morin, Weil, Zohar, Tart e outros. Ampliação da consciência é o

primeiro passo para que haja um processo de transmutação das emoções negativas e os valores que levam o ser humano à integridade.

A ampliação da consciência requer que o ser humano olhe para seu universo psíquico e invista na sua constituição enquanto pessoa. Crema (1995) escreve sobre este redescobrir-se e afirma que

Necessitamos investir no universo psíquico interior, tão vasto quanto o exterior, da mesma forma como temos investido, nos últimos séculos, no mundo da matéria. Conquistar qualidade na ecologia do Ser é um passo prioritário para sua natural transpiração e extensão na ecologia social e ambiental. Onde lograr paz e harmonia se elas não habitarem o interior de nossas moradas? (CREMA, 1995, p. 17).

O autor conduz a uma reflexão muito interessante: o quanto a sociedade investe no progresso científico e material de forma que aparentemente esqueceu-se das questões internas que constituem o homem. Esta pode ser uma hipótese da causa de sofrimentos com as desigualdades sociais, que ocasionam conflitos internos, interpessoais e entre grupos.

2.4 Curso de licenciatura em pedagogia

Pensar em formação de educadores requer considerá-los como ser em sua complexidade e dotado de história de vida, conhecimentos prévios e habilidades a serem desenvolvidas e outras aprimoradas. Também é pensar em dom, dádiva, essência humana. Rubem Alves (2000, p. 26), comparando educadores a jequitibás, tece:

Não se trata de formar o educador como se ele não existisse. Como se houvesse escolas capazes de gerá-lo, ou programas que pudessem trazê-lo à luz. Eucaliptos não se transformarão em jequitibás, ao menos que em cada eucalipto haja um jequitibá adormecido.

A formação dos educadores é influenciada pela sua história de vida bem como pelas relações de ensino e aprendizagem que estabeleceu. O curso formal, neste caso faz-se referência ao curso de licenciatura em pedagogia, contribui consideravelmente para confirmar hipóteses, construir certezas, desfazer convicções e para despertar dúvidas, processo permeado de ideologias que dificultam a coerência entre a prática docente no ensino superior e suas teorias com a prática

pedagógica pretendida nas escolas de educação básica. Acredito que esta incoerência é um dos principais fatores da defasagem da educação básica no Brasil.

Inicialmente, o curso mínimo exigido para atuar como professor da educação infantil e dos anos iniciais era o de nível médio, na modalidade Normal. Com a Lei 9.634/96 (BRASIL, 1996) passou a ser exigido o curso de graduação. Os cursos de pedagogia, que por sua vez estavam organizados estrategicamente para formar gestores e coordenadores escolares, sofreram algumas mudanças curriculares a fim de se adequarem à prática pedagógica na educação básica. Tardif (2007) emite uma visão bastante crítica em relação aos cursos de formação de professores por considerá-los restritos, na maioria das vezes, à transmissão de conhecimentos, limitando a prática às questões burocráticas e autoritárias, esvaziando o significado do fazer pedagógico.

A dádiva de ser educador não depende apenas do curso formal, porém este exerce forte influência no perfil profissional que está em construção. Salienta-se que os cursos de formação, indiretamente, determinam a organização escolar e os aspectos formativos que nele serão desenvolvidos, incluindo ou excluindo, princípios, conteúdos e ideologias. O educador ocupa, na escola, uma posição fundamental em relação aos seus pares e em sua prática com os alunos, sendo o principal mediador da cultura e do conhecimento.

Os cursos de pedagogia ocupam-se do estudo sistemático das práticas educativas e configuram-se como “ciência da educação” por possuírem objetos, problemáticas e métodos próprios. O profissional formado em pedagogia possui uma série de possibilidades de atuação, o que impede que o curso tenha um foco em específico. Diante disso, Libâneo (2005) acredita que seja necessário um curso de pedagogia *stricto sensu* e outro para formar professores com o intuito de trabalhar em escolas, pois os saberes necessários diferem de um para o outro.

Os educadores são sujeitos do conhecimento, ou seja, profissionais com saberes e que buscam a construção de outros para habilitar e/ou qualificar a sua atuação. Tardif (2007) classifica os saberes docentes em saberes dos professores em seu trabalho e os saberes dos professores em formação, de forma que uns estão relacionados com os outros.

Como saberes dos professores em seu trabalho, Tardif (2007) salienta que os saberes profissionais são aqueles transmitidos pelas instituições de formação de

professores, de forma que professor e ensino constituem-se em objetos de saber para as ciências humanas e para as ciências da educação. A realidade discutida e apresentada nos cursos de formação possibilita ao educador refletir sobre a prática educativa à luz do referencial teórico, constituindo assim, o que Tardif (2007) chama de saberes pedagógicos.

As instituições universitárias selecionam saberes relacionados às diferentes áreas do conhecimento e transmitem aos acadêmicos de diferentes cursos. Estes saberes, para Tardif (2007) são os disciplinares. Os saberes curriculares são aqueles construídos ao longo da carreira docente através dos programas e métodos de trabalhos propostos pelas instituições escolares em que atua. Os saberes experienciais, como o nome já diz, são os construídos a partir de vivências e experiências docentes.

Todos estes saberes se tornam pedagogicamente significativos a partir do momento em que contribuem no processo de construção do conhecimento do educando, segundo Tardif (2007, p. 45) “o ato de aprender se torna mais importante que o fato de saber”. Ou seja, o processo de construção do conhecimento passa a ser mais significativo do que o resultado obtido, de forma que a relação pedagógica fica centrada nos interesses dos alunos.

Tardif (2007, p. 232) considera o professor sujeito ativo de sua prática, a qual organiza a partir de convicções construídas a partir de experiências de vida. A este respeito, acrescenta que

Seus saberes estão enraizados em sua história de vida e em sua experiência do ofício de professor. Portanto, eles não são somente representações cognitivas, mas possuem também dimensões afetivas, normativas e existenciais.

Uma vez que os conhecimentos do educador são constituídos de suas experiências de vida, de sua formação e de sua prática, considero que é a partir da reflexão estabelecida entre constatações provindas destas diferentes fontes que acontece a construção de saberes pedagógicos, os quais podem contribuir significativamente nas atividades acadêmicas, na produção de conhecimentos e na formação de novos educadores.

Esta valorização do conhecimento prático dos educadores é proposta por Tardif (2007, p. 234):

O trabalho dos professores de profissão deve ser considerado como espaço prático específico de produção, de transformação e de mobilização de saberes e, portanto, de teorias de conhecimentos e de saber-fazer específicos ao ofício do professor.

Conduzindo a formação e a prática do docente seguindo estes preceitos, romper-se-á com a dicotomia entre teoria e prática, na medida em que cada uma possui seu espaço e importância, de forma que

A pesquisa universitária na área da educação e a prática do ofício de professor não são regidas pela relação entre teoria e prática, pois ambas são portadoras e produtoras de práticas e de saberes, de teorias e de ações, e ambas comprometem os atores, seus conhecimentos e suas subjetividades (TARDIF, 2007, p. 237).

Sobre a formação do pedagogo, até este momento, refletiu-se sobre a importância de considerá-lo como ser dotado de aspectos físicos, emocionais, mentais, sociais e espirituais; sobre questões normativas dos cursos formais de formação de educadores bem como sobre a constituição dos saberes pedagógicos. A diante destas reflexões, propõem-se pensar os cursos de formação de pedagogos partindo de propósitos mais fieis ao objetivo de contribuir para a superação do caos social e inversão de valores que estamos imersos.

Os cursos de formação de pedagogos precisam ter momentos de reflexões, estudos, análises e debates sobre a sociedade atual e a ideal, de forma que criticamente, os acadêmicos possam construir discernimento para optar pelos princípios que pretendem nortear sua prática pedagógica.

Sinto a necessidade de que os formandos em Pedagogia saiam do curso com alternativas para desenvolverem uma prática pedagógica pautada nos valores e que combata todo e qualquer tipo de violência contra o ser humano, contra as relações sociais e contra o meio em que vivemos.

A realidade complexa mostra que o pedagogo deve ser preparado para se relacionar com grupos de pessoas diferentes e conhecer suas necessidades, por isso, precisa antes de tudo, estar preparado, física, mental e espiritualmente para gerir as diferenças. A postura de pedagogo assumida pelo acadêmico exerce grande influência no processo de ensino e aprendizagem que desempenhará enquanto profissional.

A formação de pedagogos deve estar pautada em pressupostos que ofereçam suporte para que os educadores em formação tenham condições de refletir,

compreender e, até certo ponto do possível, superar a realidade, através do diálogo. Este trajeto de qualificação do ensino superior depende da atuação responsável de seus docentes. Boa Ventura de Souza Santos (1997) analisou as crises pelas quais passa a universidade sendo que uma delas é a de legitimidade, ou seja, questiona se a missão de formação de seres humanos está sendo cumprida.

No decorrer do século XXI, segundo o Relatório da Unesco (DELORS, 1998, p. 68) “a educação deve ser encarada como construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes e aptidões, da sua capacidade de discernir e agir”. Este documento propõe uma educação à prova das crises sociais, democrática, cidadã e consequentemente humanizadora.

Os sistemas educativos devem dar resposta aos múltiplos desafios das sociedades da informação, na perspectiva de um enriquecimento contínuo dos saberes e do exercício de uma cidadania adaptada às exigências do nosso tempo (DELORS, 1998, p. 68).

Devemos almejar a formação de profissionais comprometidos com a mudança da realidade, porém para isso é preciso investir na mudança de postura de alguns professores: a maneira de relacionar-se com as famílias, com os alunos e principalmente o direcionamento da prática pedagógica. Vale lembrar que a escola é constituída pelas pessoas que nela trabalham e convivem, e que o trabalho desenvolvido serve para manter a dominação ou para dela nos libertarmos.

Acredito no ensino superior como momento de construir um novo paradigma de pedagogo. Que este profissional não seja passivo diante da realidade e sim um profissional comprometido com a educação humanizadora, crítica, que auxilia o educando a descobrir-se enquanto cidadão e libertar-se das amarras da acomodação ao atual sistema de vida. Ou seja, um professor para modificar e não para conservar (NIDELCOFF, 1986).

Maria Teresa Nidelcoff (1986) demonstra que o pretendido com esta pesquisa está, de certa forma, exposto na pesquisa desta autora, quando reflete sobre o papel do professor fazendo uma comparação entre “professor policial”⁹ e “professor povo”¹⁰. Os aspectos que a autora propõe como atitudes do “professor povo” são

⁹ São professores que contribuem com a ideologia imposta pela sociedade (NIDELCOFF, 1986).

¹⁰ Este tipo de educador faz referência àqueles que acreditam na sua missão de auxiliar o educando a se libertar da opressão imposta pela sociedade (NIDELCOFF, 1986).

coerentes com o que se espera de um professor que considere os aspectos humanos (incluindo o espiritual) seus e de seus alunos.

“Professor povo” desperta no educando a motivação de aprender, mostrando a importância e a relação entre o que é trabalhado na instituição escolar com a vida. A aprendizagem significativa depende do significado e da carga afetiva envolvida no processo, a qual depende do investimento do educador e a energia refletida no decorrer do trabalho.

Pari passu, o conceito de motivação está relacionado às forças ambientais, ao objeto em questão e às forças internas tanto do educador quanto às do educando. São elas: necessidades, desejo, emoção, impulso, instinto, vontade, propósito, interesse (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2001). Estas forças alimentam o processo de aprendizagem, principal objetivo das instituições de ensino, e dependem da qualidade de vida e espiritualidade dos seres humanos.

Para aprimorar ou construir habilidades que possibilitem este despertar para as questões humanas da educação é necessário incluir a consciência da identidade pessoal na formação profissional.

A humanidade precisa de equilíbrio em oposição ao processo de destruição social e ambiental que vivemos. Em busca deste equilíbrio, considero necessário educar um homem novo, uma nova mulher capaz de restaurar a unidade e de integrar os conhecimentos aos valores humanos e espirituais. Para que se torne realidade, acredita-se que os cursos de formação poderiam considerar o acadêmico como ser que pensa, sente e age, ampliando sua consciência, desenvolvendo a intuição, os sentimentos, a criatividade e as emoções, através da construção do conhecimento, da arte e das relações inter e intrapessoais.

3 BASES METODOLÓGICAS

Para Lüdke e André (2001), a pesquisa em educação acontece com o objetivo de construir novos conhecimentos, ou busca questionamentos sistemáticos, críticos e criativos. Para que o estudo aconteça com sucesso é preciso planejamento adequado e estruturado teoricamente. O pesquisador deve conhecer muito bem o caminho trilhado no decorrer da pesquisa para que não se afaste de seus objetivos.

Este estudo foi realizado com pressupostos críticos, buscando levar os participantes a refletirem sobre a temática abordada e, caso acorde mais um coração para as questões da espiritualidade na educação, a pesquisa já valeu.

Este estudo é fruto de uma pesquisa descritiva qualitativa, onde busquei verificar se os cursos de formação de pedagogos da abordam a temática da espiritualidade. Para tanto, foram eleitas para o estudo duas instituições de ensino superior da cidade de Santa Maria-RS, sendo uma instituição pública e outra particular.

A pesquisa teve como objetivos específicos verificar espiritualidade e educação a partir de referenciais teóricos que embasam a formação do pedagogo e investigar se a espiritualidade está presente em cursos de pedagogia de Universidades de Santa Maria, e caso esteja, citar como acontece Apresento os conceitos de espiritualidade de cada entrevistando e evidencio a importância da espiritualidade na formação do pedagogo.

A proposta inicial para a coleta de dados era de realizar entrevistas com as coordenadoras dos cursos de Pedagogia, no entanto, não foram realizadas por apresentarem resistências. Sendo assim, as participantes do estudo foram pedagogas formadas nas duas universidades que oferecem o curso na modalidade presencial. Esta pesquisa não abarcou as ofertas de curso de Licenciatura em Pedagogia à Distância. A opção foi entrevistar as pedagogas por terem amplo conhecimento do curso em que se formaram e a possibilidade de refletir sobre a temática relacionando com a formação pessoal que acontece concomitante à formação profissional. Para respeitar a identidade real de cada entrevistada, no decorrer do texto receberão codinomes de flores. São elas: Rosa, Lírio, Orquídea e Violeta, sendo que Rosa e Lírio cursaram Pedagogia na universidade pública enquanto Orquídea e Violeta na instituição particular.

A coleta de informações foi feita pela autora através de entrevista semiestruturada, utilizando-se um roteiro especialmente confeccionado para esse fim (Apêndice A), aplicada no local de trabalho das entrevistadas, com dia e hora previamente estabelecidos pela participante.

A análise das informações foi através de Análise de Conteúdo por ser considerada a mais adequada para a proposta realizada.

O organograma que segue informa ao leitor as bases metodológicas utilizadas na construção desta pesquisa e que estão descritas ao longo deste capítulo.

Figura 1 – Bases metodológicas



3.1 Pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa surgiu na década de 70, no domínio especial das pesquisas em educação, a partir da necessidade de um olhar diferenciado aos dados obtidos em pesquisas sociais e antropológicas. Este tipo de pesquisa destaca-se nas Ciências Sociais pelos dados não permitirem serem quantificados, ou seja, por “trabalhar com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, das atitudes” (MINAYO, 2006, p. 21).

O objeto de estudo da pesquisa qualitativa provem das relações humanas bem como de opiniões, sensações ou percepções pessoais, muitas vezes subjetivas, que serão interpretadas e compreendidas pelo pesquisador e que leva críticos a analisarem sua cientificidade. Para Demo (1986) o caráter científico da pesquisa qualitativa é analisado a partir de quatro fatores: coerência, consistência, originalidade e objetivação. Este autor acrescenta mais um fator, externo à cientificidade: a intersubjetividade que envolve o processo de pesquisa.

Este estudo abarca a relação entre educação e espiritualidade na formação de pedagogos considerando os aspectos formativos do ser humano em sua plenitude. Ao realizar a pesquisa, observo o resgate de crenças e valores pessoais projetados no campo profissional tanto do pesquisador quanto dos entrevistados. Desta forma, confirmo que se trata de uma pesquisa qualitativa.

3.2 Pesquisa descritiva

A pesquisa descritiva caracteriza-se por descrever determinados fenômenos ou população Gil (1996) e permite descrever informações coletadas relacionando com hipóteses ou trazendo a tona novas questões. Durante a pesquisa, descrevo as informações coletadas a partir das entrevistas realizadas com os coordenadores dos cursos, cruzando-as com o referencial teórico realizado durante a pesquisa bibliográfica.

A descrição acontece a partir da exposição minuciosa de cada detalhe da pesquisa, para isso observo o comportamento dos entrevistados bem como o comportamento diante das questões propostas.

Saliento que, com o objetivo de melhores resultados, possibilitei ao entrevistado um ambiente tranquilo e pouco formal, para que este sentisse a entrevista como uma conversa informal podendo, assim, coletar informações sobre a realidade da prática docente na formação de pedagogos.

As entrevistas foram gravadas e transcritas para que a descrição pudesse ser realizada com a qualidade que a pesquisa requer.

A temática abordada nesta pesquisa é nova para alguns profissionais que atuam na educação, o que desencadeia expressões e posturas que dizem mais do que palavras. Durante a realização das entrevistas, estive atenta aos sinais de expressão que foram descritos para qualificar os resultados da pesquisa.

3.3 Entrevista semiestruturada

A entrevista consiste em uma conversa articulada pelo pesquisador com o objetivo de coletar informações pertinentes à pesquisa.

Neste estudo optei pelo tipo de entrevista semiestruturada por combinar questões fechadas e abertas, dando liberdade ao entrevistado em discorrer sobre o assunto, acrescentando informações que considerarem pertinentes para o momento. Ou seja, dão a liberdade e espaço suficiente para que o entrevistado possa se manifestar livremente.

A entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos deram frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas

dos informantes, possibilitando maiores esclarecimentos sobre elas. Triviños (1995, p. 152) afirma que a entrevista semiestruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade” Este é um dos mais importantes e adequados meios que tem o pesquisador para realizar a coleta de dados. Em relação à entrevista, Triviños (1995, p. 146), afirma que a semiestruturada “ao mesmo tempo que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”.

Saliento que, antes de começar a entrevista, foi importante situar o entrevistado sobre do que se trata este estudo, bem esclarecer importância e objetivo da pesquisa, possibilitando maior entrosamento entre os envolvidos. Conforme o fluir da entrevista, pedi mais explicações sobre alguns aspectos interessantes que surgiram, como também criei outras perguntas sem perder a linha de raciocínio proposto pela pesquisa.

Pretendia aplicar a entrevista semiestruturada aos coordenadores dos cursos de pedagogia (modalidade presencial) de Universidades de Santa Maria – RS. As entrevistas foram previamente agendadas e previstas a serem realizadas nos respectivos ambientes de trabalho. Porém, os coordenadores dos cursos de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria e do Centro Universitário Franciscano apresentaram resistência em falar sobre a temática. Na primeira visita, a qual foi agendada por telefone, o coordenador de uma instituição recebeu a pesquisadora e argumentou que após ler uma cópia do projeto de pesquisa entraria em contato. O outro coordenador, ao saber do que se tratava a pesquisa, pediu que a secretária informasse que estava em outro compromisso. Depois de mais duas tentativas frustradas, decidi entrevistar alunas formadas nas duas instituições. Sendo assim, quatro pedagogas foram entrevistadas sendo duas de cada instituição.

Para a técnica da entrevista semiestruturada, foram utilizadas questões orientadoras, que conforme Minayo (2006) facilitam a abordagem e asseguram que os pressupostos sejam contemplados nas conversas. As questões aplicadas foram:

Qual a compreensão que tens sobre espiritualidade?

- *O curso em que se formou aborda a questão da espiritualidade?*
- *Sim*
- *Não*
- *Como a espiritualidade poderia ser contemplada no seu curso?*

As entrevistas estão amparadas legalmente pelo Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndice B).

3.4 Participantes

No Quadro 1 a seguir, apresento dados referentes às professoras entrevistadas. Diante desse quadro, percebo que a faixa etária das pesquisadas encontra-se entre os 29 e 36 anos; formaram-se num período de 10 anos, sendo que duas delas realizaram o curso de pedagogia em instituição pública e as outras duas em instituições privadas. Três professoras possuem curso de especialização e uma está em andamento, o que evidencia o comprometimento com a formação continuada. Duas delas atuam em escola pública e duas em instituições particulares.

Quadro 1 – Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Professora	Idade	Ano de formatura	Instituição de Ensino Superior	Tempo de Atuação (anos)	Cursos adicionais	Atuação atual
Lírio	36	2001	pública	13	Especialização	pública
Rosa	26	2010	pública	3	Especialização em andamento	particular
Violeta	29	2008	particular	4	Especialização	pública
Orquídea	32	2003	particular	8	Especialização	particular

3.5 Análise de conteúdo

Uma das formas de sistematizar os dados coletados é a partir do método de análise de conteúdo, que é o estudo das mensagens obtidas através da comunicação na coleta de dados, de forma que o pesquisador tem que interpretar nas entrelinhas e buscar as informações que objetiva a partir de análise minuciosa do conteúdo coletado. Bardin (apud TRIVIÑOS, 1995) sugere três etapas para o processo de uso da análise de conteúdo: pré-análise (organização do material), descrição analítica (estudo) e interpretação inferencial (reflexão).

Para qualificar a fala das entrevistadas, busquei suporte de Puglisi e Franco (2005, p. 13), que entendem ser a análise de conteúdo o “ponto de partida”, onde devem ser consideradas as condições contextuais de seus produtores e assenta-se na concepção crítica e dinâmica da linguagem. Nesse tipo de análise deve ser considerada, não apenas a semântica da língua, mas também a interpretação do sentido que cada indivíduo atribui às suas próprias mensagens.

Optei por trabalhar com a análise de conteúdo, por ser considerada uma técnica para o tratamento de dados que visa identificar o que está sendo dito a respeito de determinado tema e, que de acordo com o conceito de Bardin (1979), é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. A análise de conteúdo contribuiu para a interpretação das falas das professoras, no sentido de buscar informações nas entrelinhas, identificando suas percepções sobre espiritualidade e como entendem a relação da espiritualidade com a prática pedagógica.

Saliento que toda pesquisa deve priorizar a ética e que só terá validade se beneficiar, ao menos o meio em qual está sendo realizada. A expectativa é que este trabalho desperte os participantes e leitores para a relação da espiritualidade com a qualidade em educação.

Um aspecto da ética na pesquisa é proteger as entrevistadas. No decorrer da apresentação e discussão dos dados coletados, as educadoras receberam codinomes de flores, sendo que a Rosa e Lírio concluíram o curso na instituição pública, identificada por A; e Orquídea e Violeta formaram-se em uma instituição privada, identificada pela letra B.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Neste capítulo são apresentados os resultados da pesquisa, a partir das categorias identificadas nas respostas das pesquisadas.

As categorias destacadas (Quadro 2) foram obtidas através da frequência das respostas dadas pelas pesquisadas.

Quadro 2 – Categorias de análise

Categorias de análise	
Compreensão sobre espiritualidade	Universo, Deus, criação divina, princípios, solidariedade, respeito à vida. Espiritualidade é a forma humana de ser.
Importância da espiritualidade para o professor	Precisa acreditar em um poder superior Poder passar aos alunos [...]. Não terá sentido a vida sem a espiritualidade Equilíbrio e motivação e garra para continuar na caminhada de educar Deve ser estimulada Importante para professores e alunos
O curso de formação e reflexão sobre espiritualidade	Despertar no aluno mais segurança nas adversidades; A falta de espiritualidade e violência
Cursos de graduação em pedagogia e a espiritualidade	Disciplina Eventos extracurriculares Leituras
A espiritualidade na prática pedagógica	Leitura de textos bíblicos Discussões com os alunos Palestras

4.1 Compreensão sobre espiritualidade

Referente à primeira categoria, quando questionadas sobre o conceito de espiritualidade, as pedagogas entrevistadas apresentaram expressão facial de dúvida, bem como dificuldades em organizar ideias e palavras que pudessem expressar o que pensam. Essa constatação é comum, pois muitas pessoas confundem espiritualidade com religião e essa dúvida pode ter deixado as entrevistadas confusas. Assim, cumpre destacar que religião não significa

espiritualidade, pois o que torna uma pessoa espiritualizada é a internalização dos princípios que compõem esse caminho, bem como a sua prática na própria vivência. Ressalto, ainda, que ser um indivíduo espiritualizado requer uma postura permanente, decorrente de um processo *consciente* de crescimento interior, que exige controle e vontade de crescer para si e para os outros. Concordo com Jung quando afirma: “Não se pode mudar aquilo que interiormente não se aceitou” (JUNG apud NOVAES, 2004b).

O Dicionário Houaiss (2009), traz o conceito de espiritualidade com sendo a característica ou qualidade do que tem ou revela intensa atividade religiosa ou mística, religiosidade, misticismo. Já a religião é definida como a crença na existência de um poder ou princípio superior, sobrenatural, do qual depende o destino do ser humano e ao qual se deve respeito e obediência; postura intelectual e moral que resulta dessa crença (HOUAISS, 2009).

O estranhamento das pesquisadas talvez se justifique pelo fato de a espiritualidade, no mundo ocidental, historicamente, não ter sido valorizada como nos países orientais. Na sociedade atual brasileira, o que se refere ao “espiritual”, ao espírito, é delegado, às religiões, sendo uma temática praticamente ignorada na escola, ainda que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) alertem para a necessidade de a educação trabalhar a pluralidade de forma que os alunos sejam levados a desenvolver princípios e valores que contribuam para a construção de um ambiente de respeito, de valorização da vida e de solidariedade.

Esse estranhamento, não é um fato novo, pois desde há muito tempo, estudiosos ligados a doutrinas que valorizam a espiritualidade, fazem referência sobre a distância que a academia tomou dos assuntos ligados ao espírito, a partir de teorias extremamente materialistas e academistas, desprovidas de sentimentos de solidariedade e afeto. Estudos esses, que como destaca Denis¹¹ (2006, p. 29): “[...] tudo isto desprovido de generosidade e de grandeza e não leva senão à investida, ao esmagamento de uns pelos outros”¹².

¹¹ Léon Denis (1846 - 1927) fez conferências por toda a Europa em congressos internacionais espíritas e espiritualistas, defendendo a ideia da sobrevivência da alma e suas consequências no campo da ética nas relações humanas.

¹² No original: *[...] odioso, cuyo objetivo principal es la guerra de clases, todo esto desprovisto de generosidad y de grandeza, todo esto no lleva más que a la belicosidad, al atropello y destrucción de unos por los otros.* (tradução livre da autora).

Em outra obra, Denis (2000, p. 9), aponta que¹³:

Nos meios universitários reina ainda completa incerteza sobre a solução do mais importante problema com que o homem jamais se defronta em sua passagem pela Terra. Essa incerteza se reflete em todo o ensino. [...]. As teorias [...], as doutrinas de Nietzsche, de Schopenhauer, Haeckel, dentre outros, muito contribuíram para desenvolver esse estado de coisas. Sua influência se espalha por toda parte. Deve-se atribuir a eles, em grande parte, esse lento trabalho, obra obscura de ceticismo e desencorajamento que se desenvolve na alma contemporânea.

Nesse contexto, percebe-se na sociedade atual, líquida e efêmera, conforme identifica Bauman (2008), na qual nem mais os credos são vitalícios, pois cada vez mais as pessoas *trocam de religião*, que buscam igrejas, diferentes daquela em que foram criadas, os valores e identificação que não têm na atual. Essa é uma questão bastante adequada a este trabalho, pois se entende que as pessoas procuram na verdade é a identificação espiritual que satisfaça os questionamentos do seu eu mais profundo, quando trocam com frequência de templo, religião, igreja ou doutrina. Bauman (2008) explica que as pessoas mudam, buscando uma identidade adequada às demandas sociais, numa busca permanente ao seu eu, como uma alternativa para se afastar das incertezas.

No ambiente religioso, surgem diversas igrejas, líderes religiosos e crenças, que tentam arregimentar o maior número de fiéis possíveis, seja para o desenvolvimento da prática espiritual ou da prática puramente econômica. A diferença entre esses dois pontos diametralmente posicionados é que aquele que conseguir desenvolver a sua espiritualidade, seja em que templo estiver e religião seguir, manterá a sua integridade moral e espiritual, pois o templo da espiritualidade é o próprio ser humano.

Nesse sentido, os fiéis, como a Igreja Católica chama os seus seguidores, estão cada vez mais voltados ao sincretismo religioso, pois o Brasil é rico em diversidade cultural e religiosa, que promove o desenvolvimento de uma relativa unidade ecumênica, que busca desenvolver a sua espiritualidade e que segue os mesmos princípios cristãos.

Pensar em espiritualidade requer trazer à tona questões culturais herdadas do meio em que se vive e dos valores familiares. Pessoas cujas famílias passaram

¹³ Note-se que, apesar de Denis (1846-1927) ter escrito esta obra no início do século XX (1908), o assunto ainda se mostra bastante atual.

valores específicos de religiões, provavelmente, apresentam conceitos conscientes ou inconscientes vinculados a elas.

Diante da primeira questão apresentada às pesquisadas, sobre a *compreensão de espiritualidade*, houve dificuldade para se obter informações mais amplas.

A entrevistada Rosa compreende que a espiritualidade está diretamente ligada a Deus, enquanto criador do mundo. Esta pedagoga possui uma crença estabelecida por fazer parte dos fiéis da Igreja Evangélica Luterana, sendo assim, relaciona a espiritualidade à religião.

Orquídea apresenta um conceito de espiritualidade mais amplo, desvinculado de dogmas religiosos. Segundo a pesquisada, “espiritualidade é algo relacionada à tua forma de viver, de trabalhar, de amar a si e aos outros, respeitando teus limites e tuas fraquezas sendo coerente com tua palavra e tua prática. Espiritualidade é um modo saudável de viver e conviver”.

Esta pedagoga apresenta o que Jorge Trevisol (2003) chama de consciência ampliada. O autor explica que a consciência humana pode ser desenvolvida através do estudo, podendo aumentar e progredir na medida em que, como ser humano, preocupa-se com sua formação enquanto pessoa e como profissional. Tanto Orquídea como Trevisol (2003) apresentam a espiritualidade como parte da determinação de como viver e conviver. Estes conceitos vão ao encontro do que Lírio acredita.

Para Lírio: “A compreensão que tenho de espiritualidade são os valores, a forma de viver, a solidariedade, a ajuda mútua”. Neste trecho, percebe-se que a espiritualidade está relacionada com a forma de conduzir a vida, acrescentando o relacionamento interpessoal, que deve ser pautado na solidariedade e na ajuda mútua.

Na continuidade de sua entrevista, Lírio acrescenta o cuidado com o ser humano e com todos os seres vivos, destacando que espiritualidade está ligada à “*valorização do ser humano, o respeito por todos os seres vivos*”. Esse trecho da sua fala remete à compreensão de espiritualidade como algo mais profundo no autoconhecimento e valorização da vida e também dos demais seres que constituem o planeta. Lírio demonstra conhecimento e consciência da espiritualidade como algo desvinculado das religiões e que perpassa o relacionamento entre as espécies do planeta. Afirma em sua contribuição, que: “Ter a certeza da teia que nos une e da necessidade de todos os seres. Espiritualidade é a forma humana de ser. É ter

valores éticos, humanos, morais [...]” reflete sobre o tema demonstrando compreendê-lo de maneira mais ampla e específica, de forma que espiritualidade tem a ver com o mundo, com cada espécie, com cada ser e com as relações entre eles.

Assim, esse cenário, do qual a educação não pode continuar apartada, demanda por respostas às questões da fé e da espiritualidade cada vez mais presentes no mundo das ciências empíricas, deixando de ser consideradas apenas objetos de estudo da teologia e da filosofia. Ressalto que somente participar de cultos religiosos não tornam, necessariamente, o indivíduo espiritualizado; muito menos o fanatismo, que cega e aprisiona o espírito, tirando a liberdade de agir das pessoas e a sua autonomia.

Para Novaes (2004a, p. 69) a espiritualidade de uma pessoa é um processo:

O que a torna é sua internalização, bem como a integração dos conteúdos resultantes das experiências vividas sob a égide de seus ensinamentos. Ser uma pessoa espiritualizada não quer dizer ser ou parecer mística ou ligada a práticas esotéricas, pois muitas vezes isso pode distanciar a pessoa da conexão consigo mesma e com seu semelhante. Essa conexão deve ser amorosa e compreensiva em relação a si mesmo e ao outro. O trato com amorosidade para com o outro e o respeito a ele como a si mesmo é a base da espiritualização.

Jung (2001, p. 391) declarou que é “da maior importância que as pessoas cultas e esclarecidas reconheçam a verdade religiosa como algo vivo na alma humana e não como uma relíquia abstrusa e irracional do passado”.

A busca pela religião ou pela espiritualidade é de grande e fundamental importância para a vida das pessoas, pois representa a sua conexão com algo íntimo em si mesmo, que o aproxima de Deus; a busca por Deus fora do seu próprio ser, faz com que o indivíduo se aproxime da compreensão da divindade e se liberte de laços e pertencimentos desnecessários (NOVAES, 2004a). Essa condição de poder através da racionalidade modificar a si mesmo e influenciar outros ao seu redor, é exclusiva da raça humana.

Nesta direção Freire (2002, p. 73) escreve que:

[...] seres que estão sendo, seres inacabados, inconclusos em e com uma realidade que, sendo histórica também, é igualmente inacabada. Na verdade, diferentemente dos outros animais, que são apenas inacabados, mas não são históricos, os homens se sabem inacabados. Têm a consciência de sua inconclusão.

Assim, a conexão com Deus pode ser um fator primordial para a espiritualidade, bem como para um crescimento interior libertador. Para se viver a própria espiritualidade é necessário que sejam consideradas certas condições, pois viver a espiritualidade significa segundo Novaes (2004a, p. 162):

1. Sentir-se conectado a Deus em tudo que faça; 2. Respeitar cada ser humano com quem mantenha contato, sem dele esperar qualquer tipo de recompensa ou reciprocidade; 3. Viver cada momento da vida buscando o máximo de satisfação íntima sem prejudicar a ninguém; 4. Buscar um estado de espírito num nível emocional acima daquele que vive; 5. Estabelecer uma cumplicidade ótima com as forças espirituais que regem o destino humano; 6. Seguir os ensinamentos de uma religião sem perder o próprio senso crítico em sua prática; 7. Consciência da existência do outro como elemento participante de sua espiritualidade.

Entretanto, cabe ressaltar que neste estudo, considero espiritualidade diferente de religiosidade, pois a espiritualidade é a conexão com o que significa para cada pessoa o “poder superior”, que pode ser o Deus ou o Jesus dos cristãos, ou não. Dessa forma, o poder superior pode ser Alá, um grupo de ajuda, trabalho em prol dos necessitados, o Universo e até mesmo uma força suprema indefinida, mas que faz com que o indivíduo se sinta vivo, energizado, pertencente a um grupo que está sendo cuidado e protegido.

O desenvolvimento da espiritualidade oferece segurança e riqueza ao viver das pessoas que se tornam mais alegres, espontâneas, tolerantes e flexíveis, pois não focam o seu viver apenas em si mesmas, mas também no coletivo. A pessoa espiritualizada não é insensível ao destino e à felicidade comum, pois não deseja benefícios somente para si, a despeito das características individualistas e cada vez mais marcantes da sociedade contemporânea. Sociedade, essa, “ateizante”, conforme refere Clayton (2009, p. 1), repleta de excessos, racionalismo, consumismo e materialismo que aliados à descrença em Deus ou em outra força superior, acaba por fazer com que os indivíduos deixem de encontrar um sentido espiritual na vida, que pode se traduzir em um vazio existencial provocando inclusive doenças como o estresse e a depressão (NOVAES, 2004a), pois um espírito desequilibrado favorece a enfermidade física e mental.

O estado de desequilíbrio e de miséria psíquica é chamado por Crema (1995) de *normose*. O autor a considera como causa para distorções na cultura e na educação.

O ser humano pleno pode ser considerado uma utopia, um incomensurável potencial reivindicando espaço para ser atualizado. É preciso denunciar o atual fragmentado e distorcido sistema de aculturação e educação como agentes de redução da vastidão do fenômeno humano a uma deplorável miséria psíquica e existencial que podemos denominar de normose (CREMA, 1995, p. 14).

Este estado conduz a uma baixa qualidade de vida e de existência. Para resgatar a consciência da inteireza, Crema (1995) apresenta a utopia com o coração, ou seja, que o ser humano resgate a si mesmo como um plano de encontro com o universo.

A pedagoga identificada pelo codinome Violeta apresenta o seguinte conceito: “Espiritualidade é acreditar em Deus, o qual nos dá apoio no momento em que mais precisamos, tendo em vista uma mente serena e equilibrada”. Essa segurança brota no íntimo das pessoas que se sentem amplamente protegidas e onde procuram respostas para as suas dúvidas. Novaes (2004a, p. 22) refere que a espiritualidade “se apropria do conhecimento da humanidade, numa espécie de sincretismo religioso, filosófico, sociológico e psicológico do saber humano, propondo uma visão mais ampla”.

O conceito, apresentado por Violeta, remete à hipótese de que a entrevistada acredita na espiritualidade diretamente relacionada a uma força maior, no caso Deus, que a apoia nos momentos de necessidade. A entrevistada complementa que para isso, o ser humano precisa ter uma mente serena e equilibrada. Nesse sentido, concordo com Violeta, pois a consciência espiritual busca na mente o modelo de comportamento que seja coerente com a perspectiva espiritual de observar a existência humana.

4.2 Importância da espiritualidade para o professor

Todas as entrevistadas confirmam a importância da espiritualidade na educação, de forma que três delas focaram suas respostas na espiritualidade do professor e apenas uma trouxe à tona a espiritualidade do aluno. Neste momento, faz-se referência aos professores de diferentes níveis de ensino e seus respectivos alunos.

Para Rosa, as pessoas precisam acreditar em algo para não serem vazias. Lírio considera a espiritualidade indissociável da educação, pelo comprometimento

desta com a vida do aluno. Orquídea considera a espiritualidade importante tanto para o professor quanto para o aluno e Violeta acredita na relevância da espiritualidade por proporcionar equilíbrio, motivação e garra para a atividade de educar e aprender.

Estas falas comungam com Novaes (2004a, p. 16) ao afirmar:

A espiritualidade nas relações humanas é desejável, pois envolve a percepção do espírito. Com ela a alma encontra condições de manifestação e possibilidades de entender a si mesma no complexo sistema das relações humanas. Essa espiritualidade permitiria uma abordagem mais humanizada e, ao mesmo tempo, compreensiva da natureza essencial da alma humana.

Destaco que, como explicam as participantes da pesquisa, a maioria das pessoas não vive a sua espiritualidade no cotidiano, pois somente recorre à espiritualidade, ou seja, só se volta para o espiritual em momentos de dificuldades, para buscar algo junto a Deus, que venha trazer algum benefício específico, terreno e imediato.

Essa constatação pode ser verificada nas seguintes respostas das entrevistadas: “Sim, pois nos dá equilíbrio e motivação e garra para continuar na caminhada de educar [...] (VIOLETA); [...] possa ter um porto seguro pra muitas das situações que a gente encontra seja na vida profissional como até enquanto universitária [...]” (ROSA).

Pesquisas comprovam a relação entre a ampliação da consciência e a docência bem sucedida¹⁴ (PORTAL, 2006), confirmando que para ser educador exigem-se mais do que conhecimentos específicos ou talento. Para se desenvolver essa atividade de maneira satisfatória, é necessária formação e muita reflexão sobre uma prática pedagógica motivada no carinho, no amor e na transcendência. Roberto Crema (1995) esclarece que esse aspecto é fundamental porque se desenvolve a plenitude do ser, a verdade que as pessoas sentem no coração. Fala da importância de se trabalhar a espiritualidade nas escolas através da educação, da terapia e da meditação.

Ao educador, cabe a função de organizar informações, definir estratégias, acompanhar o desenvolvimento das hipóteses dos sujeitos-alunos envolvidos na sala de aula, ao mesmo tempo em que compete a ele avaliar constantemente o rendimento dos alunos em torno de expectativas iniciais. Para Altet (2001, p. 28): “O

¹⁴ Inteligência espiritual ampliada e prática docente bem sucedida: uma tessitura que revela outros rumos para a educação (2004-2006).

professor profissional é, antes de tudo, um profissional da articulação do processo ensino-aprendizagem em uma determinada situação, um profissional das interações, das significações partilhadas”.

Estas ações não são simples, guardam um nível de complexidade muito grande, que se traduz em dificuldades de muitos gêneros. Nesse sentido, Altet (2001, p. 27) esclarece que a dificuldade do ato ensinar reside no fato de que essa prática não pode ser analisada somente pelas tarefas de transmissão de conteúdos e de métodos definidos, pois são “as comunicações verbais em classe, as interações vivenciadas, a relação e a variedade das ações em cada situação que permitirão ou não, a diferentes alunos o aprendizado em cada intervenção”.

Para autores como Freire (1996) e Perrenoud (2001), a educação significativa pressupõe um professor que atua como protagonista da ação pedagógica, mostrando-se curioso, prestando atenção ao que o aluno diz ou não diz, faz ou não faz, colaborando para que ele seja capaz de articular seus conhecimentos prévios com os conhecimentos escolares, considerando sua história de vida, seus sentimentos, emoções e percepções. Nesse sentido, está caracterizado o perfil de um professor observador, sensível, com olhar atento sobre seus alunos, preocupado com seu desenvolvimento integral, sua aprendizagem, com a sua saúde, enfim, com a sua vida.

Para Freire (1996, p. 3), no processo de aprendizagem o olhar atento, a observação sistemática e a troca fazem a diferença:

A observação é o que me possibilita o exercício do aprendizado do olhar. Olhar é como sair de dentro de mim para ver o outro. É partir da hipótese do momento de educação que o outro está para colher dados da realidade, para trazer de volta para dentro de mim e repensar as hipóteses. É uma leitura da realidade pra que eu possa me ler.

Entre as principais funções do professor destacam-se a organização, o desenvolvimento e a monitoria do processo de ensino/aprendizagem fundamentados na análise de situações concretas, respeitando a diversidade de conhecimentos, de capacidades e de experiências com que cada aluno inicia ou prossegue as aprendizagens. Considera-se importante que a avaliação seja feita com instrumentos adequados e as aprendizagens devem estar articuladas com o processo de ensino, garantindo a sua monitoria e promovendo nos alunos o desenvolvimento de hábitos, valores, aprendizagens e potencialidades.

O professor desempenha ainda um papel considerado fundamental no desenvolvimento pessoal e social dos alunos, pois contribui para a aquisição de conceitos de cidadania, que estejam adequados à idade do aluno, principalmente em relação aos projetos desenvolvidos nas várias áreas curriculares (BRASIL, 2004).

Considerando as atribuições do professor, percebo que esse profissional poderá estar atento ao desenvolvimento dos seus alunos, em suas diferentes dimensões, pois tem condições de acompanhar diariamente seu progresso nas diversas áreas e a sua evolução pessoal.

Desta forma, as concepções de espiritualidade apresentadas pelas pedagogas entrevistadas perpassam este perfil de educador que cuida da sua espiritualidade e da ampliação da consciência de seus alunos. Essa concepção vai ao encontro do que destaca Freire (2003, p. 33) quando afirma que: “É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador”.

4.3 O curso de formação e reflexão sobre espiritualidade

O ofício de ensinar requer conhecimentos além dos específicos para cada momento, disciplina ou matéria. Ou seja, para ensinar a ler, não basta saber ler; para ensinar história ou química, não é suficiente dominar estas disciplinas. Nesse sentido, Gauthier (1998, p. 20) pondera que “quem ensina sabe muito bem que, para ensinar, é preciso saber muito mais do que simplesmente conhecer a matéria, mesmo que esse conhecimento seja fundamental”.

O educador precisa dominar a técnica de ensinar, ou melhor, de conduzir seu aluno à construção do conhecimento. Para que este processo aconteça com sucesso, no mínimo, dois seres humanos estão envolvidos: o educador e o aluno. Nesse cenário, os atores envolvidos estão dotados de aspectos emocionais e espirituais que interferem diretamente no processo de aprendizagem, pois o equilíbrio emocional e a consciência espiritual são promotores e estimuladores da produção humana.

Léon Denis em uma conferência em Paris, no ano de 1908, declarava sobre a educação (DENIS, 2000, p.14):

A educação, sabemos, é o fator mais poderoso do progresso; ela contém a origem do futuro. Mas, para ser completa, deve se inspirar no estudo da vida sob suas duas formas alternantes, visível e invisível, em sua plenitude*, em sua evolução crescente em direção aos cimos da natureza e do pensamento.

A escola atual com sua postura neutra é fornecedora de conhecimentos, mas muitas vezes se priva de desenvolver o bem moral necessário para constituir uma educação, uma direção eficaz; a escola somente reencontrará o seu prestígio, o seu poder benéfico, assimilando uma doutrina espiritualista independente e libertadora. Essa concepção de Denis (2000), já mostrava uma preocupação com os rumos dados à educação estritamente acadêmica, sem espiritualidade.

Nesta direção escreve Freire (2000, p. 67):

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho se não viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos.

Assim, a preocupação com a temática da espiritualidade, de forma a poder se produzir reflexão no interior das salas de aula, a partir de um planejamento interdisciplinar e de caráter plural poderá oferecer maior significado à relação pedagógica, pois a espiritualidade desperta no ser humano as suas melhores intenções, fazendo com que se preocupe consigo mesmo, com os outros e com o universo.

4.4 Cursos de graduação em pedagogia e a espiritualidade

Diante de tamanha responsabilidade e de tantas tarefas exigidas na profissão docente, para desempenhá-la com a qualidade almejada, é preciso que os cursos de formação de professores assumam o compromisso social de formar docentes capacitados e sensíveis para trabalharem com seres humanos em desenvolvimento. Chegou o momento de o ensino superior ultrapassar as concepções de educação herdadas do tecnicismo e mantida pelo capitalismo, consumismo e individualismo exagerado. Freire (2001, p. 78) ressalta que: “[...] os professores têm de transcender sua tarefa meramente instrutiva e assumir a postura ética de um educador que

acredita verdadeiramente na autonomia total, liberdade e desenvolvimento daqueles que ele ou ela educa”.

Assim, pensa-se em um modelo de educação superior que se preocupe com o sentido da vida de cada ser humano, visto que todo conhecimento comporta o risco do erro e da ilusão. Morin (2000, p. 1), sobre as carências atuais da educação, esclarece que:

A educação do futuro deve enfrentar o problema de dupla face do erro e da ilusão. O maior erro seria subestimar o problema do erro; a maior ilusão seria subestimar o problema da ilusão. O reconhecimento do erro e da ilusão é ainda mais difícil, porque o erro e a ilusão não se reconhecem, em absoluto, como tais.

O que Morin (2000) refere está alinhado com o que a Comissão Internacional sobre educação para o século XXI, reunida em 1993, estabeleceu de objetivos que deveriam ser buscados para a educação no novo milênio. A referida Declaração, que deu origem à obra *Educação: Um Tesouro a Descobrir*, traz em seu preâmbulo que (DELORS, 1998, p. 3):

[...] os sistemas de educação superior devem aumentar sua capacidade para viver em meio à incerteza, para mudar e provocar mudanças, para atender às necessidades sociais e promover a solidariedade e a igualdade; devem preservar e exercer o rigor científico e a originalidade, em um espírito de imparcialidade, como condição prévia básica para atingir e manter um nível indispensável de qualidade [...].

Nesse aspecto, no que se refere à formação de professores, erro e ilusão são fatores que acabam por parasitar a mente humana e ainda estagnar a educação, que ao ter a sua história revista, analisada e quantificada, considerando o seu passado, inclusive o recente, percebo que foi e ainda está dominada por inúmeros erros.

O Relatório traz como fundamental a observação aos quatro pilares da educação que são as quatro principais aprendizagens que ao longo da vida serão importantes para cada indivíduo, que são: aprender a conhecer, a fazer, a viver juntos e a ser (DELORS, 1998). Essas quatro dimensões podem ser desenvolvidas de maneira integrada, merecendo destaque, entretanto, o *aprender a ser*, como ponto que orienta educadores e instituições educacionais. Nesse sentido, a educação contribuirá para o desenvolvimento integral, sem descuidar do corpo e do

espírito, além da “inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade” (DELORS, 1998, p. 99).

Sensível à constante ameaça de desumanização que decorre do desenvolvimento desenfreado na técnica, a Comissão atribui à educação a importante tarefa de oferecer às crianças, jovens e adultos referências que lhes permitam compreender a si mesmos e ao mundo que lhes rodeia e, a partir dessa compreensão, construir condições para atuar na realidade de maneira autônoma e responsável, interpretando de maneira crítica e consciente os conhecimentos, as tradições e os valores que lhes são transmitidos pela sociedade. E esse aprendizado, segundo o Relatório, deve envolver a pessoa de modo integral, não só em sua dimensão intelectual – geralmente a mais exercitada na escola – mas também as também na família, na comunidade de base, na nação.

Nesse sentido, a formação de professores e a educação básica ainda estão pautadas em ilusões, base sobre as quais foram sendo estruturadas as falsas concepções que os homens elaboraram de si próprios, do que fazem, do que devem fazer e, enfim da elaboração do mundo onde vivem. Nesse aspecto, percebe-se o que o ser humano vive um inacabamento espiritual, que para Freire (1967) expressa falta de ligação entre o plano humano e o religioso, “cuja plenitude se acha na ligação com o Criador. Ligação que, pela própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação” (FREIRE, 1967, p. 40).

A questão da espiritualidade não está ligada ao esoterismo ou forças sobrenaturais como entendem alguns, mas se estruturam, conforme Freire (1967, p. 43),

[...] a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor.

4.5 A espiritualidade na prática pedagógica

A prática pedagógica é uma atividade que revela a sua importância de maneira mais ampla pela sua condição de tratar com pessoas das mais diversas idades, que buscam na educação formal, possibilidade de formação e crescimento. Nesse sentido, a formação do pedagogo poderá contemplar disciplinas que contribuam para que este profissional possa desenvolver uma visão ampla do ser humano. Assim, o professor terá condições de estar atento, não somente ao currículo, mas

também às especificidades dos alunos, proporcionando condições para que seja possível a reflexão sobre a existência e os princípios humanos.

Assim, conforme Denis (2000, p. 14):

Os preceptores da Humanidade têm, pois, um dever imediato a cumprir. É o de repor o Espiritualismo na base da educação, trabalhando para refazer o homem interior e a saúde moral. É necessário despertar a alma humana adormecida por uma retórica funesta; mostrar-lhe seus poderes ocultos, obrigá-la a ter consciência de si mesma, a realizar seus gloriosos destinos.

Para que os “preceptores da humanidade”, como chama Denis (2000) aos professores, possam repor o espiritualismo e a espiritualidade no amago da educação, é necessário que esteja pronto para isso, é necessário que primeiramente educadores sejam, eles próprios, espiritualizados, pois não se ensina o que não se sabe.

Na formação do pedagogo, percebo a necessidade de ser exercitada a autonomia a fim de buscar a formação de um profissional com melhor potencial político-educativo e mais coerente com a realidade complexa e plural.

O novo perfil profissional é uma demanda do mundo atual, globalizado e repleto de discussões referentes ao social, ambiental e espiritual. Questões essas que despontam cada vez mais nos meios acadêmicos e intelectualizados, por necessidade de uma busca interior pessoal ou mesmo por modismo. Nesse novo cenário, verifica-se uma nova vertente que busca a simplicidade, a fraternidade e os princípios espirituais, como alternativas ao materialismo e ao consumismo, que já estão ficando *fora de moda*.

Rosa, sobre espiritualidade na prática pedagógica, informa que:

Na escola onde eu trabalho, a gente trabalha com educação para o pensar, né, que a gente traz questionamentos para as crianças, questionamentos filosóficos e hoje em dia eu trabalho com a partir histórias da bíblia, então a gente trabalha parábolas ou situações, passagens da Bíblia, adaptadas para as crianças, né, de 4 anos, que é a idade que eu trabalho e a partir dali a gente faz questionamentos pertinentes para a vida deles, o que é certo, o que é errado, que forma Jesus ensinou, se é assim que eles veem na sociedade ou não.

Rosa explica que o seu trabalho junto às crianças, parte de questionamentos sobre o certo e o errado – questões morais e éticas. Já a espiritualidade é apresentada pelo estudo da Bíblia e dos ensinamentos de Jesus Cristo. Na sua declaração, a professora deixa claro que não trabalha a espiritualidade como uma

prática desvinculada da religião, como um estado de espírito que é desenvolvido por cada pessoa de maneira a poder ter discernimento entre o bem e o mal, o certo e o errado e optar pelo bem, pela justiça e pela fraternidade. Para a entrevistada, a Bíblia é uma fonte de conhecimento e a utiliza como referência ligada à religiosidade. Esta reflexão remete a questão em que a Bíblia pode ser uma fonte para a ampliação da consciência, vinculada ou não a uma religião específica.

Para Lírio, a espiritualidade pode sim ser trabalhada em sala de aula. Conforme Lírio: "Sim. A espiritualidade faz parte da minha prática, pois estudo bastante, nas reuniões se reflete sobre isto. Procuro ter uma relação com os colegas e estudantes baseado naquilo que acredito ser a espiritualidade".

À escola não cabe apenas a transmissão de conhecimentos, pois a escola é, em muitas situações, a única referência de educação que muitos alunos terão ao longo da vida. Nesse sentido, cumpre observar que o real objetivo da educação é a formação de cidadãos íntegros, que conheçam a justiça, a honradez e a fraternidade, e que façam desses princípios a sua meta de vida, trabalhando para aumentar o bem estar social e o progresso de todos.

Sobre essa situação Lírio explica como a espiritualidade é tratada na escola onde leciona: "Se convida pessoas habilitadas para conversar com os estudantes, se toma atitudes democráticas e de valorização da pessoa. Se estuda o tema e se apresenta para as demais turmas".

Se a espiritualidade está sendo necessária dentro das escolas, junto à educação e formação dos professores, para a construção de indivíduos com um caráter mais íntegro e solidário, entende-se que as escolas devem tomar esse tema como referência de comportamento, desde os anos iniciais, com os alunos ainda muito jovens, para que possa se perceber um resultado significativo.

Essa reflexão aponta para as questões referentes à formação dos educadores, que tem acontecido desconectada da situação político-social e cultural brasileiro, que tem no professor um "especialista em conteúdos, um transmissor de saberes acumulados, desvinculados da realidade do aluno e do contexto social mais amplo" (MAGALHÃES et al., 2005, p. 2).

Para Freire (2003, p. 14), "formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas". Essa afirmação promove uma reflexão sobre a prática educativa, de forma que é necessário que o professor deixe de ser um ator coadjuvante da educação e assuma uma atitude mais definida como sujeito

da produção do saber. Ao professor cabe assumir, apesar de todas as dificuldades, de ordem financeira, estrutural e de falta de apoio, que enfrenta na sua profissão a sua importância diante da necessidade de se construir uma sociedade mais fraterna e mais justa, onde seja possível tratar a diversidade com respeito.

Lírio considera que: “Para manter a espiritualidade é necessário aperfeiçoamento permanente, muito diálogo, muita avaliação pessoal e grupal”. Nesse sentido, ressaltar que a busca pela espiritualidade exige uma prática profunda, de forma que não fique apenas nas palavras, mas nos atos e nos gestos do cotidiano. Somente com o exercício permanente é que o indivíduo será capaz de sentir-se verdadeiramente sincero com o seu próprio eu aprendendo e praticando.

A necessidade de o professor mudar a sua postura tem sido percebida nos últimos anos, pois a sua formação tem passado críticas que necessitam ser escutadas, para que se busque ressaltar o papel da educação na sociedade como uma agente que tem condições de construir/desconstruir conceitos e posturas, a partir de uma formação ideal que contemple mais do que simplesmente o conhecimento teórico.

5 PONTO DE CHEGADA

Se não houver frutos, valeu a beleza das flores...
Se não houver flores, valeu a sombra das folhas...
Se não houver folhas, valeu a intenção da semente...
Henfil

Ponto de chegada significa que o caminho foi percorrido e chegou-se ao final. Conclui-se, na verdade, apenas uma página desta história, apenas uma fase da vida e/ou um trabalho acadêmico. Percebo que este não é o ponto de chegada e sim, o ponto de partida para uma compreensão maior do que se trata a espiritualidade enquanto teoria e condição para uma vida mais feliz, saudável e completa. A espiritualidade compreendo como algo que compõe o ser humano, que transcende a matéria e que está relacionada com algo maior, podendo ser chamado de Deus, de Energia Universal, Alá, Pai, enfim, cada seita, religião ou pessoa denomina de acordo com sua cultura e sua fé. Desta forma, respeito e acredito em todas as religiões enquanto trajeto ou fonte de espiritualidade. Contudo, espiritualidade pode ou não estar vinculada à religião. Percebo nas falas das entrevistadas que algumas direcionam o tema para a religiosidade enquanto outras apresentam uma compreensão mais ampla e distinta.

No entanto, para estudar, pesquisar, discutir o tema espiritualidade é fundamental despir-se de preconceitos, atitude nobre que demonstra ampliação da consciência. Acredito que estar atento para as questões internas: emoções, sentimentos, valores, juntamente com a fé de que a vida transcende o palpável, podemos nos tornar seres humanos mais completos e cada vez mais humanos, sendo este o caminho para a ampliação da consciência.

Uma vez que a espiritualidade faz parte do ser humano e que os pedagogos trabalham com pessoas, principalmente crianças em pleno desenvolvimento físico, social, emocional e cognitivo, considero que as universidades precisam reconhecer o valor do humano no ato educacional. Ou seja, que a espiritualidade faça parte da vivência, convivência e da formação específica de pedagogos podendo sensibilizar e conduzir a prática deste acadêmico para um enfoque mais sensível às questões que ultrapassam a matéria.

Mesmo percebendo a espiritualidade distante dos cursos de formação, as entrevistadas apresentam compreensão e práticas relacionadas à espiritualidade no

fazer pedagógico. Este fato sustenta o que defendo nesta pesquisa, pois comprova, juntamente com o referencial teórico, de que onde há seres vivos há espiritualidade, principalmente onde há um ou mais seres humanos estabelecendo relações intra e interpessoais.

Acredito na possibilidade das Instituições de ensino superior, mais especificamente nos cursos de pedagogia, proporcionarem aos acadêmicos, orientação para reconhecer-se enquanto indivíduo dotado de espiritualidade e que se relaciona com seres compostos pelos mesmos aspectos. A experiência transcendental não é dependente de religiões, dogmas ou rituais, pois está relacionada com o autoconhecimento, reconhecimento e compreensão de suas emoções, permeia as relações inter e intrapessoais. Tais questões poderiam, ou não, serem trabalhadas em disciplinas específicas.

Projetar, desenvolver e concluir esta pesquisa foi uma tarefa complexa por se tratar de um tema pouco explorado nas academias, por encontrar pessoas com olhares diferentes daqueles que eu gostaria de desenvolver, por precisar do apoio de pessoas que apresentaram resistências e principalmente, por se tratar de um trabalho que apresenta um valor pessoal imensurável, pois em muitos momentos mexeu com sentimentos dolorosos, gerando intensas emoções que, assim como neste momento, explodem pelos olhos.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. Teoria da semicultura. Trad. Newton Ramos-de-Oliveira, Bruno Pucci e Cláudia B. Moura Abreu. **Educação e Sociedade**: revista quadrimestral de ciência da educação. Ano XVII, nº 56, Campinas: Papirus, dez/1996:388-411.

ALTET, M. As competências do professor profissional: entre o conhecimento, esquemas de ação e adaptação, saber analisar. In: PERRENOUD, P. et al. (Org.). **Formando professores profissionais**. Quais estratégias? Quais competências? 2. ed. rev. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

ALVES, Ruben. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Campinas: Papirus, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BLOCH, E. **O princípio esperança**, v. I II e III. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

BOCK, Ana Mercês B.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA Maria de Lourdes T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo (SP): Saraiva; 2001.

BOFF, Leonardo. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 1938.

_____. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Ética e moral**: a busca dos fundamentos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **Homem**: satã ou anjo bom? Rio de Janeiro: Record, 2009.

BORGES, Wagner. Instituto de pesquisas projeciológicas e bioenergéticas. **Espiritualidade e consciência**, 2007. Disponível em: <<http://www.ippb.org.br/modules.php?op=modload&name=News&file=article&sid=5004>>. Acesso em: 16 set. 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: DF, 1988.

_____. **Constituição Política do Império do Brasil**, de 25 de março de 1824. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24>. Acesso em: 01 out. 2011.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 01 nov. 2011.

_____. **Portaria Ministerial n.º 4.361, de 29 de dezembro de 2004**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/port_4361.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2011.

CERVANTES, Miguel. **A história é a êmula do tempo**. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/NDg4Mg/>>. Acesso: 03 mar 2012..

CLAYTON, Anderson. Ética do prazer e sociedade ateizante: uma análise socioteológica. **Ciberteologia**, Revista de Teologia & Cultura, São Paulo, ano III, n. 22, 2009.

COSTA, Marli Marlene M. da. Políticas Públicas e violência estrutural. In: LEAL, Rogério Gesta. **Direitos Sociais e Políticas Públicas**: desafios contemporâneos. Tomo 5. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

CREMA, Roberto. **Saúde e plenitude**: um caminho para o ser. 2. ed. São Paulo: Summus, 1995.

DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 1998.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 1986.

DENIS, Léon. **Socialismo y espiritismo**. Federación Espírita Española, 27.01.2006 versión completa. Disponível em: <<http://www.espiritismo.es>>. Acesso em: 01 out. 2011.

_____. **O problema do ser.** 1ª parte. Trad. Renata Barboza da Silva, Simone T. Nakamura Bele da Silva. Coleção o problema do ser, do destino e da dor. São Paulo: Petit, 2000.

DIAZ, D. P. Foundations for spirituality: establishing the viability of spirituality within the health disciplines. **J.ealth Educ.**, v. 24, n. 6, p. 324-26, 1993.

ENGUIITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola:** educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERRER, J. Medicina y espiritualidad: redescubriendo una antigua alianza. In: **Bioética:** um diálogo Plural (Homenaje a Javier Gafo Fernández). Madrid: Univ. Pontificia Camillas, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: UNESP, 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas:** a teoria na prática. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GAUTHIER, C. et al. **Por uma teoria da pedagogia.** Ijuí: Unijuí, 1998.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. RJ: Objetivo, 2005

GOSWAMI, A. **O médico quântico**. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2006.

GUIMARÃES, Marcelo M. **Engenharia Espiritual**: desenvolvendo a inteligência espiritual. (2009). Disponível em: http://www.engenhariaespiritual.com/index.php?option=com_content&task=view&id=5&Itemid=6. Acesso em: 21 nov. 2011.

HENFIL. **Se não houver frutos**. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/autor/henfil/> . Acesso: 03 mar 2012.

HOHGRAEFE, Dulci Alma. **Desvelando o perfil de espiritualidade: elo propulsor para ampliação dos propósitos e objetivos de vida**. Porto Alegre: PUC-RS, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação do Programa de Pós-graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2006.

HOLANDA, Chico Buarque De. **Cotidiano**. Disponível em: http://letras.azmusica.com.br/letras_chico_buarque_de_holanda/letras_other/letra_cotidiano.html. Acesso: 03 mar. 2012.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0**. São Paulo: Objetiva, 2009.

JAEGER, Werner Wilbelm. **Paidéia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JUNG, C. G. **Cartas 1906-1945**, v. I. Petrópolis: Vozes, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação na era do conhecimento em rede e transdisciplinaridade**. São Paulo: Alínea, 2005.

LINS, Ivan. **Depende de nós**. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/ivan-lins/46434/>. Acesso: 03 mar. 2012.

LOPES, G.; LOPES, C. **Há espaço para a espiritualidade na medicina?** Curitiba: Corpo e mente, 2004.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2001.

MAAR, Wolfgang Leo. A formação da sociedade pela indústria cultural. **Revista Educação**, n. 09, p. 26-35, 2009.

MAGALHÃES, Abigail Guedes et al. A formação de professores para a diversidade na perspectiva de Paulo Freire. **Anais do V Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife**, 19 a 22 - setembro 2005. Disponível em: <http://www.paulofreire.org.br/artigos_parte_01>. Acesso: 03 mar. 2012.

MARCUSE, Hervert. **A ideologia da sociedade industrial**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MEIRELES, Cecília. **Reinvenção**. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MzA5Mjg1/>>. Acesso: 03 mar. 2012.

MINAYO MC. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco, 2006.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

NICOLESCU, Basarab. **Reforma da educação e do pensamento: complexidade e transdisciplinaridade**. (2001) Trad. Paulo dos Santos Ferreira. Disponível em: <<http://www.juliotorres.ws/textos/teoriadacomplexidade/reformadaeducacao-e-dopensamento.pdf>>. Acesso em: 17 de dez. 2011.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **A escola e a compreensão da realidade: ensaio sobre a metodologia das ciências sociais**. 14.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

NOVAES, Adenauer Marcos Ferraz de. **Alquimia do amor: depressão, cura e espiritualidade**. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2004a.

_____. **Filosofia e espiritualidade**. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 2004b.

PERRENOUD, P. et al. **Formando professores profissionais**. Quais competências? Quais estratégias? 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

PIERRE, D. **Educação, uma alquimia sutil**. França: Rosicrucienne, 2004.

PORTAL, Leda Lísia. Inteligência espiritual ampliada e prática docente bem sucedida: uma tessitura que revela outros rumos para a educação. **UNIrevista**. vol. 1, nº 2, abril 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Portal_et_al.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2009.

PUGLISI, M.L.; FRANCO, B. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

QUINTANA, Mário. **Se as coisas são inatingíveis ora**. Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/se_as_coisas_sao_inatingiveis_ora/>. Acesso: 03 mar. 2012.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SANDRINI, Marcos. **O compromisso ético do educador**. Petrópolis: Vozes, 2007.

SILVER, H. **Education as history**. Londres: Methuen, 1983.

SEIXAS, Raul. Prelúdio. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/raul-seixas/165312/>>. Acesso: 03 mar. 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SUNG, Jung Mo. **Um caminho espiritual para a felicidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TREVISOL, J. **O reencantamento humano**. São Paulo: Paulinas, 2003.

TRIVIÑOS, Augusto N. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1995.

WOLMAN, Richard N. **Inteligência espiritual**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

ZOHAR, D.; MARSHALL, I. **Qs**: inteligência espiritual. São Paulo: Record, 2002.

ZORZAN, Adriana Loss. **Consciência espiritual e social na escola**: processo educativo necessário para a formação humana. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Porto alegre: UFRGS, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro da entrevista semiestruturada

1. Qual a compreensão que tens sobre espiritualidade?
2. O curso em que se formou aborda a questão da espiritualidade?
Sim
Não
3. Como a espiritualidade poderia ser contemplada no seu curso?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Pelo presente termo de consentimento, declaro que fui informado (a) de forma clara, das justificativas, dos objetivos e dos procedimentos da pesquisa

Objetivo Geral da pesquisa

Pesquisar a relação entre educação e espiritualidade enquanto aspecto formativo do ser humano, se esta é considerada nos cursos formais de pedagogia e possíveis contribuições para a ampliação da consciência dos acadêmicos e docentes dos diferentes níveis de ensino como fator de qualidade na educação.

Para a execução da pesquisa foram estabelecidos os seguintes passos metodológicos: verificar se os cursos de formação de pedagogos abordam a temática da espiritualidade.

A pesquisa será composta pelas seguintes etapas:

1) Análise das entrevistas transcritas proporcionando à pesquisadora subsídios para a elaboração final da dissertação.

2) Entrega de uma cópia do texto produzido a partir da pesquisa a cada educadora que colaborou para a realização da mesma.

Fui informada ainda:

- dos riscos e benefícios do presente estudo, assim como da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento a qualquer dúvida a cerca da metodologia, riscos, benefícios e outros aspectos relacionados com a pesquisa desenvolvida;

- da liberdade de participar ou não da pesquisa, tendo assegurado essa liberdade sem quaisquer represálias atuais ou futuras, podendo retirar meu consentimento em qualquer etapa do estudo sem nenhum tipo de penalização ou prejuízo;

- da segurança que não serei identificada e que se manterá o caráter confidencial das informações relacionadas com a minha privacidade, a proteção da minha imagem e a não estigmatização;

- da garantia que as informações não serão utilizadas em meu prejuízo;

- da liberdade de acesso aos dados do estudo em qualquer etapa da pesquisa;

- da segurança de acesso aos resultados da pesquisa.

A pesquisa observará também a sua adequação no que diz respeito aos princípios científicos que a justifiquem e com possibilidades concretas de responder a incertezas, prevalecendo sempre às probabilidades dos benefícios esperados sobre os riscos previsíveis, tanto individuais como coletivos.

Justifica-se a necessidade da presente pesquisa por entender que, a educação formal deve considerar o ser humano em sua plenitude e os cursos de formação de professores deveriam entender tal complexidade.

Assim sendo, essa pesquisa virá contribuir com a análise da realidade quanto ao conhecimento sobre espiritualidade e educação, informando o meio acadêmico de tal realidade e fornecer às instituições que colaboraram com a pesquisa, subsídios para construção de conhecimentos acerca do assunto.

Neste termo e considerando-me livre e esclarecido (a), consinto em participar da pesquisa proposta, resguardando à autora da pesquisa a propriedade intelectual das informações geradas e expressando a concordância com a divulgação pública dos resultados.

A mestranda em Educação, pela Universidade de Santa Cruz do Sul, responsável por este estudo é Alexandra Santos Nunes, e está sendo desenvolvido sob a orientação da Professora Ana Luiza Teixeira de Menezes, que poderá ser contatada sempre que necessário pelo telefone 55 9634 1592.

Data: ____/____/2012.

Nome do participante ou responsável _____

Testemunhas: _____

Nome da pesquisadora: Alexandra Santos Nunes

Telefone para contato: 55 9634 1592

Assinatura _____